

JOSÉ SARAMAGO

*QUE FAREI COM ESTE
LIVRO?*

Teatro

*Canção, neste desterro viverás,
Voz nua e descoberta,
Até que o tempo em eco te converta.*

CAMÕES

Personagens

LUÍS GONÇALVES DA CÂMARA — jesuíta, professor do rei
D. Sebastião
MARTIM GONÇALVES DA CÂMARA — secretário de Estado
CARDEAL D. HENRIQUE — inquisidor-mor, tio de
D. Sebastião
D. CATARINA DE ÁUSTRIA — avó de D. Sebastião, viúva de
D. João III
1º FIDALGO
2º FIDALGO
DIOGO DO COUTO — soldado da Índia, futuro cronista e
autor de *O Soldado Prático*
ANA DE SÁ — mãe de Luís de Camões
LUÍS DE CAMÕES
3º FIDALGO
FRADE
4º FIDALGO
MIGUEL DIAS — fidalgo do Paço
D. SEBASTIÃO
D. FRANCISCA DE ARAGÃO — dama do Paço
D. VASCO DA GAMA — 3º conde de Vidigueira
D. MARIA DE ATHAÍDE — condessa de Vidigueira
FREI MANUEL DA ENCARNAÇÃO — professor dos condes de
Vidigueira
DAMIÃO DE GÓIS — cronista, guarda-mor da Torre do
Tombo
CRIADO

OUTRO FRADE

FREI BARTOLOMEU FERREIRA — dominicano, censor de
Os Lusíadas

ANTÓNIO GONÇALVES — impressor

SERVENTE

A ação decorre em Almeirim e Lisboa, entre Abril de 1570 e Março de 1572, ou, com menor rigor cronológico, mas maior exactidão factual, entre a chegada de Luís de Camões a Lisboa, vindo da Índia e Moçambique, e a publicação da primeira edição de *Os Lusíadas*.

Primeiro acto

PRIMEIRO QUADRO

Corte em Almeirim, Abril de 1570. Padre Luís Gonçalves da Câmara, jesuíta e confessor do rei; Martim Gonçalves da Câmara, secretário de Estado, irmão de Luís Gonçalves da Câmara.

LUÍS DA CÂMARA: Más lembranças havereis deixado lá por Coimbra, irmão, de tempo em que fostes reitor da Universidade, para desta maneira vos caluniarem, e a mim de caminho. Algum inimigo será, ou invejoso da vossa fortuna, que é o mesmo que inimigo. Muita razão tinham os antigos quando diziam ser a inveja a mais direita estrada da inimizade.

MARTIM DA CÂMARA: De cães que ladrem e línguas que maldigam, ninguém se livra, muito menos se for confessor de el-rei, como vós, ou secretário de Estado, como eu. Esse é o tributo que os poderosos sempre tiveram de pagar. Deixaí correr, se a intriga não for a mais.

LUÍS DA CÂMARA: Confiado vos vejo.

MARTIM DA CÂMARA: E eu a vós por de mais preocupado. Com vossa licença, irmão, são simples migalhas isso que vos apoquenta. E quem vos disse que esse papel foi escrito na Universidade?

LUÍS DA CÂMARA: Ninguém, nem eu o declarei formalmente.

Porém, em Coimbra foram os pasquins espalhados, não em Lisboa. Onde a galinha canta, aí pôs o ovo. (*Lê.*) “El-rei nosso senhor, por fazer mercê a Luís Gonçalves e a Martim Gonçalves, e aos padres da Companhia, há por bem de não casar estes quatro anos, e de estar com eles abarregado.” (*Martim da Câmara ri.*) Folgo de vos ver tão contente, Martim. Em vosso lugar, teria talvez mais comedimento. Achais bem que o meu e o vosso nome, e a Companhia de Jesus, corram assim a lama das ruas?

MARTIM DA CÂMARA: Perdoai, meu irmão. Nem sempre posso acompanhar-vos em gravidade e sisudez.

LUÍS DA CÂMARA: Que muito conviriam a vosso serviço.

MARTIM DA CÂMARA: Perdoai outra vez. Bem sabeis como vos respeito e amo. Não vos devo menos que a nosso pai. Dele recebi a vida, de vós a fortuna, este meu cargo no Paço, a autoridade que tenho no reino. É a vossa grande bondade que às vezes me permite esquecer a diferença que fazem as nossas idades, e quanto maior é a vossa sabedoria que a minha ignorância. Mas a veneração que vos devo e por vós tenho, essa não a esqueço nunca.

LUÍS DA CÂMARA: Não quis censurar-vos, Martim. E como haveis falado das idades que temos, e da diferença que elas fazem, digo-vos que isso mesmo me preocupa. Estou velho, não espero viver muito mais, mas desejaria, quando fosse Deus servido chamar-me à sua presença, deixar-vos firme neste governo.

MARTIM DA CÂMARA: Tenho a confiança de el-rei.

LUÍS DA CÂMARA: Tendes. E muitos ódios na corte. Desenganai-vos, irmão, se enganado andais. No dia em que eu morrer, ou se antes disso Sua Alteza me preferir outro confessor, a vossa posição estará em grande perigo. Sabeis como a rainha nos tem em pouca estima. Já vos esquecistes dos trabalhos que tivemos para evitar que fosse colocado junto de el-rei, por seu confessor, um padre doutra ordem, um dominicano ou um agostinho? Se não contás-

semos, do nosso lado, com a influência do cardeal-infante, a Companhia de Jesus teria sido posta de parte, e perderia, neste caso, um dos seus triunfos maiores: ser confessora e conselheira de el-rei. (*Pausa.*) E se eu não fosse o confessor, não seríeis vós o secretário de Estado.

MARTIM DA CÂMARA: Isso que dizeis faz-me pensar se afinal não terá sido mais alta a mão que escreveu ou mandou escrever o pasquim que em Coimbra se publicou. Também a avó de el-rei nosso senhor nos acusa, a mim, a vós e à Companhia, de desviarmos Sua Alteza do casamento. E Deus sabe que tal não é verdade.

LUÍS DA CÂMARA: Será meia verdade. El-rei não quer casar, à Companhia não convém que el-rei case tão cedo. Casando el-rei, quem sabe se continuaria a ouvir-nos, ainda que tão pouco?

MARTIM DA CÂMARA: Terá então sido D. Catarina?

LUÍS DA CÂMARA: Não vou tão longe, irmão. A avó de el-rei nunca escondeu o seu pensamento, não precisaria de que mãos assalariadas o exprimissem em imundos papéis.

MARTIM DA CÂMARA: Poderia querer virar o povo contra nós.

LUÍS DA CÂMARA: Talvez. Estaremos precavidos. Ainda que tanto erra aquele que de todos se fia como aquele que de tudo se receia.

MARTIM DA CÂMARA: El-rei haverá de casar um dia.

LUÍS DA CÂMARA: Assim será, para felicidade do reino. Mas cada coisa tem seu tempo.

MARTIM DA CÂMARA: Outros reis casaram bem mais cedo.

LUÍS DA CÂMARA: El-rei casará, torno a dizer, não nos dê isso cuidado.

MARTIM DA CÂMARA: Estais preocupado, padre Luís Gonçalves da Câmara.

LUÍS DA CÂMARA: Não são mais os meus cuidados do que os vossos, Martim.

MARTIM DA CÂMARA: Então são muitos. Sabeis, como eu, que o mal não está em não haver el-rei casado até agora. Sua Alteza que idade tem? Dezasseis anos. Um dias destes

acorda de manhã e diz: quero escolher noiva. E Portugal terá a sua rainha.

LUÍS DA CÂMARA: Quisesse Deus que fosse tudo tão fácil como dizeis.

MARTIM DA CÂMARA: Vejo que vos aproximaíais de mim. E como não ousareis dar os passos que faltam, dir-vos-ei eu que não é casar ou não casar el-rei que vos preocupa.

LUÍS DA CÂMARA: Que é, então?

MARTIM DA CÂMARA: Terei de ser eu a declarar as palavras que a vossa língua recusa, padre Luís Gonçalves da Câmara? Rainha de Portugal, haveremos talvez, não creio é que dê ela filhos que de el-rei possam ser. (*Pausa.*) Perdoai se vos escandalizei.

LUÍS DA CÂMARA: Um confessor nunca se escandaliza. Sabeis o que haveis dito?

MARTIM DA CÂMARA: E vós, meu irmão, parece-vos bem que estejamos a jogar o jogo das escondidas?

LUÍS DA CÂMARA: Não vos entendo.

MARTIM DA CÂMARA: Entendeis, entendéis. Mesmo sendo eu secretário de Estado, e como vós pertencente à Companhia de Jesus, não invoco as razões e o interesse do reino para descobrir segredos de confissão. Somente vos quero perguntar se tendes a certeza de que do ajuntamento de el-rei com uma mulher, sua legítima ou barregã, poderão vir a nascer filhos. E também vos pergunto se estais seguindo de que tal ajuntamento se possa carnalmente fazer.

LUÍS DA CÂMARA: Da vossa parte, é muito perguntar, senhor secretário de Estado.

MARTIM DA CÂMARA: E da vossa, pouco responder, senhor confessor de el-rei.

LUÍS DA CÂMARA: Que quereis que vos diga? São perguntas que eu próprio tenho feito em meu pensamento.

MARTIM DA CÂMARA: E que respostas vos dá ele?

LUÍS DA CÂMARA: Tenho tentado não as ouvir.

MARTIM DA CÂMARA: Isso me basta.

LUÍS DA CÂMARA: Deus fará o milagre para salvar-se o reino.

MARTIM DA CÂMARA: Grande, sem dúvida, é o poder de Deus, mas para que o homem pudesse empunhar a espada, foi preciso que o mesmo Deus lhe desse mãos. Ora, as mãos é com o homem que nascem, não lhe vêm depois. Esse milagre não o pode Deus fazer.

LUÍS DA CÂMARA: Tende tento na vossa língua, Martim Gonçalves. A Deus nada é impossível.

MARTIM DA CÂMARA: Excepto emendar a sua própria obra.

LUÍS DA CÂMARA: Calai-vos.

MARTIM DA CÂMARA: Sim, meu irmão.

LUÍS DA CÂMARA: Tivesse aqui ouvidos o Santo Ofício e nem eu vos poderia livrar de processo. (*Pausa.*) Que notícias vêm de Lisboa?

MARTIM DA CÂMARA: Nem melhores, nem piores. A peste não dá sinais de querer retirar-se, e agora, com estes primeiros calores de Abril, temo que redobre. Já morreram mais de cinquenta mil pessoas, geralmente do povo miúdo.

LUÍS DA CÂMARA: Nosso Senhor receba as suas almas e nos defenda a nós da contágio.

MARTIM DA CÂMARA: Amen. Aqui, em Almeirim, os ares são frescos e lavados, não chegará cá a pestilência. Lisboa está fechada, é como um caldeirão de brasas. Em não tendo mais que consumir, apagam-se a si próprias.

LUÍS DA CÂMARA: Ficam as cinzas.

MARTIM DA CÂMARA: Ficam as cinzas. (*Pausa.*) Sua Alteza sai amanhã a montear.

LUÍS DA CÂMARA: Gentil caçador é el-rei, e ardoroso. Em todo o reino não tem quem se lhe compare.

MARTIM DA CÂMARA: Hoje, a manhã esteve de névoa. É de manhãs assim que el-rei mais gosta. É o seu maior prazer, cavalgar às cegas.

LUÍS DA CÂMARA: Sim, manhãs de nevoeiro.

SEGUNDO QUADRO

Mesmo tempo, mesmo lugar. D. Henrique, cardeal-infante, tio de D. Sebastião, inquisidor-mor; D. Catarina de Áustria, avó de D. Sebastião, viúva de D. João III.

CARDEAL: Há quantos anos vos ouço eu dizer que estais fatigada da governação? Agora vos aborrece também a corte? Não sois a única a enfadar-se da corte. E se caístes em desentendimento com Sua Alteza, não é isso de hoje nem de ontem, que eu saiba. Enfim, dessa vontade de vos instalardes em Castela para o resto dos vossos dias, não me dareis razões que me convençam.

D. CATARINA: Não é do governo do reino que me queixo. Foram cuidados que sempre detestei, mas que me não ocupam já. Que me aborreça a corte, é verdade. Porém, como dizeis, não sou a única. Quanto a desentendimentos com el-rei, não penso que sejam eles de maior monta que os vossos próprios.

CARDEAL: Porquê, então, essa vontade de sairdes de Portugal?

D. CATARINA: Que faço eu aqui? El-rei não me ouve.

CARDEAL: El-rei não ouve ninguém.

D. CATARINA: Ouvi os Câmaras, o confessor que vós lhe impussestes, o secretário de Estado a quem o mesmo confessor logo abriu as portas do paço e os segredos do reino.

CARDEAL: Antes fosse como afirmais. O que vosso neto, el-rei nosso senhor, estima nos Câmaras, é terem-no aliviado do fardo de governar. Nada mais. Vede o que se passa no Conselho de Estado. Queixai-vos de que não vos ouve el-rei. E eu, que direi? Eu, que, como vós, fui regente do reino, eu cardeal e inquisidor-mor, eu tio de Sua Alteza e seu orientador na primeira idade? Vosso neto dá mais atentos ouvidos aos seus íntimos e privados do que a mim, a vós e aos Câmaras, todos juntos. Receio bem...

D. CATARINA: Que receais?

CARDEAL: Que, pelo caminho que o reino vai tomando, ainda o veremos como homem perdido em noite e descampado. Então se verá que falsos ou verdadeiros guias o irão tomar pela mão, e aonde o levam.

D. CATARINA: Por essas culpas não terei eu que responder.

CARDEAL: Vós é que o dizeis. Fala-se muito de casar ou não casar el-rei, se é el-rei que não quer casar ou não lho consentem...

D. CATARINA: Sois boa testemunha dos meus esforços para que tal casamento se faça.

CARDEAL: É verdade. E apraz-me essa vossa diligência. Mas não devo calar que me desagrada a constância com que teimais na aproximação de Portugal e Castela.

D. CATARINA: Sempre foi meu parecer que assim se defendessem melhor os interesses de ambos os reinos.

CARDEAL: Seja o parecer vosso ou de el-rei D. Filipe, não esqueçais que Portugal é uma panela de barro. Não lhe convém encostar-se demasiado à panela de ferro que Castela é. Conheceis o conto...

D. CATARINA: Conheço. Mas igualmente sei que muito importa ao fraco chegar-se à fortaleza de um protector, como sempre fazem os pequenos que querem tirar benefício da benignidade dos grandes.

CARDEAL: Falais como castelhana orgulhosa que nunca deixastes de ser. Há quatro séculos que Portugal é reino independente e soberano. Quereis vê-lo agora submetido?

D. CATARINA: Vejo que haveis confundido o sentido das minhas palavras. Não falo de submeter-se Portugal a Castela. Falo, sim, de reconhecer o fraco a sua fraqueza e ter a prudência de escolher defensor. Antes que venha a ser tarde de mais.

CARDEAL: Portugal não precisa de quem o defende, nem é somente este reino. É a África e a Índia, é o Brasil.

D. CATARINA: África, Índia e Brasil têm o amo que em Portugal hoje governa. Assim continuará a ser se vier a ser outro o amo.

CARDEAL: São perigosas essas vossas palavras.

D. CATARINA: Falo do que poderá vir a acontecer, não daquilo que desejo. Ao contrário do que adivinho ser vosso pensamento, é meu firme voto que Portugal guarde a sua independência. Mas, se um dia a perder, não será a Índia que lha virá restituir.

CARDEAL: Tendes razão. De memória de homens, nunca se viu o conquistado acudir em defesa do conquistador. (*Pausa.*) Deveríamos juntar as nossas duas vontades. (*Pausa.*) Porém, não consigo afastar certos cuidados. É verdade que ambos dizemos querer que case Sua Alteza, para tranquilidade do povo e garantia da permanência do trono e da dinastia, mas sobre este último ponto não estou tão seguro de que seja essa a vossa intenção profunda.

D. CATARINA: Muito é o que suspeitais de mim, senhor cardeal.

CARDEAL: Sois tia de el-rei de Castela.

D. CATARINA: Castelhana orgulhosa, dissesse.

CARDEAL: Castelhana, e basta.

D. CATARINA: Dei nove filhos a meu marido e senhor, e esses filhos nasceram portugueses.

CARDEAL: Má era a casta para que nenhum deles tivesse sobrevivido.

D. CATARINA: Ofendeis-me, senhor cardeal.

CARDEAL: Um cardeal não poderá ofender nunca uma rainha. Deus manda-me que fale claro. O sangue da casa de Áustria não trouxe nenhum bem a Portugal.

- D. CATARINA: Devo-vos o respeito que o vosso ministério impõe. Vede vós se me deveis a mim alguma coisa.
- CARDEAL: Senhora, à mulher que sois peço perdão pela rudeza das minhas palavras. Mas a rainha terá de ouvi-las e conformar-se com a verdade que há nelas.
- D. CATARINA: Mulher e rainha, dei infantes à casa real portuguesa. Cumprí o meu dever.
- CARDEAL: Todos morreram.
- D. CATARINA: El-rei vem da mesma linhagem, é meu neto. Não se perdeu portanto a descendência.
- CARDEAL: Vosso neto descuida as obrigações que Deus lhe confiou.
- D. CATARINA: Fostes vós o seu educador.
- CARDEAL: Eduquei-o para governar um povo, não para desbarratar o tempo em montarias. Eduquei-o no temor de Deus e da sua palavra, não para os excessos de religião em que se compraz e que o seu múnus real não necessita. Eduquei-o para que escutasse o conselho dos de maior experiência e idade, não para se rodear de insensatos que o distraem da governança e o incitam a aventuras de conquista que nenhum bem trarão a Portugal.
- D. CATARINA: Não tendes portanto que censurar-me. Maligno foi, no vosso dizer, o sangue dos Áustrias. Que quereis que pense do sangue de Avis que há em meu neto e em vós?
- CARDEAL: Senhora, não nos fatigemos mais com recriminações.
- D. CATARINA: Tomei o vosso primeiro exemplo, também posso tomar esse, se quiserdes.
- CARDEAL: Pressinto que grandes desgraças cairão sobre Portugal se a tempo nos não precavermos. Quereria ter-vos do meu lado, não com os inimigos do reino.
- D. CATARINA: Sossegai, que não me vereis com eles. (*Pausa.*) Quem sabe se morreremos antes que sucedam as calamidades que temeis? Deus disporá. Não depende de mim nem de vós o destino do reino. Há em Portugal um rei.
- CARDEAL: Há.

D. CATARINA: Não pareceis dizê-lo de boa mente.

CARDEAL: A mim mesmo pergunto quem governa realmente o reino. El-rei D. Sebastião, ou o desvario daqueles que o arrastam, adulando-o. Ou será el-rei o cego e transviado?

D. CATARINA: Que não saiba el-rei o que foi agora dito.

CARDEAL: Saberá se lho disserdes, e eu saberei que lho dissetes.

D. CATARINA: Sou velha, senhor inquisidor-geral, não sou louca.

CARDEAL: Ambos somos velhos. Talvez todos sejamos loucos.

D. CATARINA: A peste, em Lisboa, continua?

CARDEAL: Continua.

TERCEIRO QUADRO

Mesmo tempo, mesmo lugar. Antecâmara. Fidalgos, escudeiros, frades, despachadores, moços. Movimento compassado, ambiente de religiosidade e resguardo. 1º Fidalgo, 2º Fidalgo. Diogo do Couto.

1º FIDALGO: Está aí Diogo do Couto, que veio da Índia e já requereu falar a el-rei. Tendes dele boa lembrança?

2º FIDALGO: Em Goa o conheci.

1º FIDALGO: Pelo modo como respondeis, qualquer diria que o não estimais. Estou enganado?

2º FIDALGO: Sim e não.

1º FIDALGO: Fazei-me a mercê de vos explicardes melhor.

2º FIDALGO: Diogo do Couto é homem arrebatado que parece ter feito um dia juramento de só dizer o que toma por verdades, ainda que delas se doam os ouvidos de quem perto dele estiver. (*Outro tom.*) Não que eu tenha querela com a verdade. A verdade é timbre de bom nascimento, só os vilões mentem, e de mouros e judeus todos, mas viciosa conversação será aquela que esquecer, entre gente bem nascida e de sangue limpo, as conveniências do lugar e os interesses da ocasião. Diogo do Couto não respeita as conveniências nem obedece aos interesses.

1º FIDALGO: Conhecei-lo por bom soldado?

2º FIDALGO: Serviu comigo, não tenho que dizer. De boas armas é, e também letrado.

1º FIDALGO: De que coisas quererá ele informar el-rei?

2º FIDALGO: Não se contentará com requerer despacho dos seus serviços na Índia. Se não variou do que foi, mais queixas trouxe, e acusações, do que cravo e canela. Não lhe chegariam paíóis dobrados. Dirá que a Índia se perde, que por maus governos se vai de pernas acima, e não poupará nem vice-reis nem capitães.

1º FIDALGO: Não são esses recados que el-rei goste de ouvir. Em má hora veio Diogo do Couto.

2º FIDALGO: A Índia está ganha, viva por si, que bem pode, para serviço de el-rei e benefício do reino. Outras batalhas chamam agora Portugal.

1º FIDALGO: E bem mais perto. Com a ponta duma lança se chega a Marrocos.

2º FIDALGO: El-rei levará essa lança.

1º FIDALGO: Muito terá então de esperar Diogo do Couto.

2º FIDALGO: Esperará a sua vez, que não é desembarcar da nau em Cascais, vir a galope direito a Almeirim, entrar logo no paço e dar-lhe el-rei despacho antes que aos outros pretendentes. A Índia não tem pressa. Quem mais veio, se o sabeis?

1º FIDALGO: Veio António Ferrão. E também ouvi dizer que chegaram António Cabral e Duarte de Abreu. (*Entra Diogo do Couto.*) Eis o homem.

DIOGO DO COUTO: (*Dirigindo-se ao 2º Fidalgo.*) Bem contente estou por vos vir encontrar em tal tempo e ocasião. Agora creio que sendo vós testemunha de meus serviços e trabalhos, decerto serei bem recebido e despachado. Outros favores não peço, se são favores declarar a verdade e ter despacho de onze anos que servi na Índia.

2º FIDALGO: Em vós não vejo eu outra diferença do que a desses anos que dizeis. Aqui estava eu dizendo a Sua Mercê, que sobre vós me perguntava, o bom soldado que sois, e letrado.

DIOGO DO COUTO: Não faltam felizmente a Portugal soldados bons e bons letrados, todos eles melhores do que este vosso servidor. Faltará, sim, bondade a quem tenha por ofício reconhecer os sacrifícios de uns e os talentos de todos.

1º FIDALGO: Vejo que continuais a merecer bem a vossa reputação.

DIOGO DO COUTO: Que reputação?

1º FIDALGO: A de falar franco.

DIOGO DO COUTO: (*Para o 2º Fidalgo.*) Também de meus defeitos falava Vossa Mercê?

2º FIDALGO: Também, se defeitos lhes chamais.

DIOGO DO COUTO: Tanta é a gente que mo tem dito, que não estar Vossa Mercê de acordo com ela seria o maior esparto desta minha viagem. Afinal, muito é o que se diz quando estamos ausentes ou de costas voltadas. Servem as palavras para isto: tão certas são para errar, como erradas para acertar.

2º FIDALGO: Gracioso discurso, que mais me parece de subtil escolar do que de soldado.

DIOGO DO COUTO: Muito mal de espírito venho encontrar a corte se com tão pouco se contenta. Comigo veio de Moçambique Luís Vaz que mais formosas razões vos saberia dizer.

1º FIDALGO: Quem é Luís Vaz?

DIOGO DO COUTO: Perguntais sincero?

1º FIDALGO: Nunca tal nome ouvi.

DIOGO DO COUTO: Luís Vaz de Camões, escudeiro.

1º FIDALGO: Por minha fé, não sei.

DIOGO DO COUTO: (*Para o 2º Fidalgo.*) E vós, que na Índia estivestes?

2º FIDALGO: Luís Vaz? Luís Vaz de Camões? Sempre me lastimei desta minha má retentiva. (*Pausa.*) É homem de quem de todo me não lembro.

DIOGO DO COUTO: Bem verdade, e muito geral, é não haver melhor memória que a do nome, títulos, feição e mercês dos poderosos. Assim fica entendido que não saibais vós

de Luís Vaz. Poeta é, o maior que há em Portugal, e sem outros bens que o seu engenho. (*Em voz mais alta.*) Senhores, quem, de entre vós, fidalgos, religiosos, despachadores, moços de câmara e mais quem esteja, conhece Luís de Camões? (*Silêncio geral.*)

QUARTO QUADRO

Lisboa, Mouraria, casa de Luís de Camões, princípio de Maio de 1570. Ana de Sá, Diogo do Couto, Luís de Camões.

DIOGO DO COUTO: (*Falando de fora.*) Luís Vaz mora nesta casa?

ANA DE SÁ: (*Abrindo a porta.*) Nesta mesma. Vós, quem sois?

DIOGO DO COUTO: Diogo do Couto, amigo e companheiro de vosso filho, para vos servir.

ANA DE SÁ: Vós sois Diogo do Couto? Entrai. E não repareis na pobreza da casa, que é de mulher velha e viúva. E, se não fica mal dizer, só desde há duas semanas mãe outra vez.

DIOGO DO COUTO: Senhora, de casas pobres falais com homem de muita experiência que não viveu em palácios, ou quando neles habitou não foi em salas e aposentos principais. Tal como vosso filho.

ANA DE SÁ: Sentai-vos, sentai-vos. Deixai que olhe bem o rosto do amigo do meu Luís.

DIOGO DO COUTO: Outros tem.

ANA DE SÁ: Mas nenhum melhor do que vós. (*Outro tom.*) Porém não devo ser injusta para quantos, com tão grande generosidade, restituíram o filho aos braços de sua mãe ao cabo de dezassete anos. Dezassete anos que esperei aqui por ele, sem notícias, ou tão poucas, pensando se estaria morto, se por lá me teria ficado, nessas terras estranhas donde nenhum bem nos veio nunca, e já não virá.

DIOGO DO COUTO: Não gostais da Índia?

ANA DE SÁ: Que é a Índia?

DIOGO DO COUTO: Senhora, que pergunta a vossa. Não cuidava eu, quando desembarquei, que alguém me pusesse em Lisboa questão de tanta dificuldade. Que resposta vos hei-de dar?

ANA DE SÁ: Vós o sabereis.

DIOGO DO COUTO: Sei o que é a Índia agora. Vem de lá a especiaria, a seda, todas essas riquezas que chegam ao reino.

ANA DE SÁ: Da Índia sabeis certamente muito mais do que isso.

DIOGO DO COUTO: Tendes razão. A Índia será, ou cuido que já o é, uma doença de Portugal. Queira Deus que não mortal doença.

ANA DE SÁ: Senhor Diogo do Couto, eu não sei ler. Luís Vaz trouxe aí muitos papéis...

DIOGO DO COUTO: Papéis ilustres, que os conheço.

ANA DE SÁ: Áí se senta os dias a corrigir, a ler em voz alta. Muito do que diz não sei entender, é tudo um falar de deuses e deusas, nomes de terras e mares desconhecidos, prodígios, coisas nunca vistas, quem, neste bairro da Mouraria, seria capaz de imaginar o mundo assim?

DIOGO DO COUTO: O mundo tem ainda muito mais que ver e admirar.

ANA DE SÁ: Há dias pedi-lhe que me lesse uma passagem mais clara, que pudesse chegar melhor ao meu entendimento, e ele pôs-se a olhar para mim com um ar muito grave, e depois de procurar leu-me a fala do velho que esteve na partida das naus para a Índia. Estais lembrado?

DIOGO DO COUTO: Como do meu próprio nome. Ó glória de mandar, ó vã cobiça dessa vaidade a que chamamos fama...

ANA DE SÁ: Esses versos escreveu-os Luís Vaz na Índia, não foi?

DIOGO DO COUTO: Decerto.

ANA DE SÁ: Então, quando vós dizeis que a Índia será uma doença de Portugal, estais declarando doutro modo aqui-

lo que meu filho disse nas oitavas que me leu. É assim que eu entendo.

DIOGO DO COUTO: Discreta sois.

ANA DE SÁ: Zombais de uma pobre velha ignorante. Tive tempo para pensar no meu filho, nessas terras e nessas viagens. Dezassete anos a pensar são muitos pensamentos. Outra vez vos digo obrigada, senhor Diogo do Couto, por mo terdes trazido.

DIOGO DO COUTO: Como está Luís Vaz?

ANA DE SÁ: Como vos responderei? Vejo-o diferente do que foi, é o meu filho e é também outro homem. Em que praia ou mar ficou o mancebo galhardo que daqui partiu, que privações e desgostos o tornaram tão melancólico, que misérias mais custosas de suportar que esta pobreza costumada?

DIOGO DO COUTO: A Índia...

ANA DE SÁ: Não falta quem de lá volte rico.

DIOGO DO COUTO: É de não ter vindo rico Luís Vaz que vos queixais?

ANA DE SÁ: É de não ter vindo contente, e não estar nas minhas mãos o seu contentamento. Não lho pode dar sua mãe, se alguém pode.

DIOGO DO COUTO: Senhora Ana de Sá...

ANA DE SÁ: Sabéis o meu nome? Devia ter-vos-lo dito. Mas eu sou apenas a mãe do meu filho.

DIOGO DO COUTO: De Moçambique ao reino, navegámos cinco meses. Vede o tempo que nos sobejou, a Luís Vaz e a mim, para conversarmos de nossas vidas.

ANA DE SÁ: Falou-vos de mim, meu filho?

DIOGO DO COUTO: Falou.

ANA DE SÁ: E que dizia?

DIOGO DO COUTO: Não saberia eu agora repeti-lo palavra por palavra. Mas entendi que muito vos amava.

ANA DE SÁ: Assim será. É justo e natural que um filho ame a sua mãe. Porém, Luís Vaz tem uma estranha natureza, ou trouxe-a dessas paragens. O meu alegre Luís que foi, vive

calado hoje, como se tivesse um colar de ferro apertado na garganta, quase não me fala.

DIOGO DO COUTO: Tende paciência. Luís Vaz é homem orgulhoso. Sabe o valor dos papéis que escreveu, dos seus versos, do seu grande poema, mas haveria de querer trazer também outros bens e veio de mãos vazias. Sabeis como o encontrei em Moçambique, vivendo da ajuda de alguns...

ANA DE SÁ: E para poder tornar ao reino pagaram os seus amigos, além da passagem, duzentos cruzados de dívida...

DIOGO DO COUTO: Isso sabeis?

ANA DE SÁ: Não é meu filho tão orgulhoso que o escondesse. Ou terá sido por orgulho que mo disse.

DIOGO DO COUTO: Atrás do dia velho, vem o dia novo. Luís Vaz publicará os seus versos, terá a protecção da corte, o favor de el-rei. Em todo o reino não há poeta maior.

ANA DE SÁ: Assim tenha vida. Se de tão longe regressou, de tantos perigos, para vir morrer por esta peste que todos os dias mata famílias inteiras, é porque não há justiça no céu.
(Som de sineta que passa.)

DIOGO DO COUTO: A justiça...

ANA DE SÁ: Agora todos os dias rejo à Virgem Santíssima e lhe digo: Mãe dos homens, se meu filho morre, se a mim me conservaste a vida para o ver morrer a ele, esquece-te de Ana de Sá, porque aos teus pés nunca mais ajoelharei.

DIOGO DO COUTO: Senhora, sossegai.

ANA DE SÁ: Senhor Diogo do Couto, se eu tivesse outro filho desabafaria com ele estas coisas que me pesam no coração. Vós sois como irmão de Luís Vaz. Ainda bem que viestes e eu pude falar.

DIOGO DO COUTO: Aonde foi ele?

ANA DE SÁ: Disse que ia a São Domingos praticar com os frades.

DIOGO DO COUTO: Se tarda, voltarei outro dia.

ANA DE SÁ: Quem sabe se haverá outro dia? Melhor é ficardes.
(Apura o ouvido.) Estais servido. Ouço-lhe os passos.

DIOGO DO COUTO: Não ouço nada.

ANA DE SÁ: Dezassete anos à espera do meu filho, senhor Diogo do Couto, deram-me o ouvido mais fino do mundo.

(*Levanta-se, abre a porta, Luís de Camões está no limiar.*)

LUÍS DE CAMÕES: Quando será, minha mãe, que me dareis tempo de abrir eu a porta?

ANA DE SÁ: Se vieres pelos ares voando, como os anjos, talvez que te não ouça. Está aí Diogo do Couto.

LUÍS DE CAMÕES: Diogo.

DIOGO DO COUTO: Luís Vaz. (*Abraçam-se demoradamente.*)

Cheguei hoje da corte, vim saber notícias de ti. E enquanto esperava, estive conversando com a senhora Ana de Sá. Proveitosa conversa foi ela.

ANA DE SÁ: É lisonjeiro, o teu amigo.

LUÍS DE CAMÕES: Tudo se poderá dizer de Diogo do Couto, mas lisonjeiro, não.

DIOGO DO COUTO: Quando a verdade for lisonjeira, não é à verdade que devemos deitar culpas.

ANA DE SÁ: Estais combinados ambos para me fazerdes corar de confusão. Conversai lá, enquanto eu vou tratar da ceia. Luís, comerá Diogo do Couto contigo? Não temos hoje mais do que sardinhas cozidas.

DIOGO DO COUTO: Outro dia virei com mais tempo, e sardinhas poderão ser. Mas hoje não. Tenho encontro com o capitão da nau em que fizemos viagem.

ANA DE SÁ: O vosso prato, senhor Diogo do Couto, estará sempre na mesa. Com o que houver.

DIOGO DO COUTO: Beijo-vos as mãos pela mercê. (*Ana de Sá retira-se.*) Bem afortunado és, Luís Vaz, por tal mãe.

LUÍS DE CAMÕES: Não me lembro que assim fosse quando parti para a Índia. Ou então era eu que não tinha olhos que a vissem. (*Sorri.*) É certo que já nesse tempo me faltava este.

DIOGO DO COUTO: Que vida fazes?

LUÍS DE CAMÕES: Esta. Como do que não trouxe nem ganho, durmo na cama que cá deixei, passeio por Lisboa, converso com os frades. Quem na Mouraria me conhece, reco-

nhece-me por esta pala. Mas se perto de mim estiver outro torto, não se sabe quem é Luís de Camões.

DIOGO DO COUTO: De amargurado falas.

LUÍS DE CAMÕES: Não o creias. Numa cidade que morre de peste, pesam bem pouco as amarguras dos vivos. Ainda agora me dizia em São Domingos frei João da Silva que para essas covas se atiram todos os dias quarenta, cinqüenta defuntos. Ouves a sineta da galera dos mortos? Vê lá onde ficam as tristezas de Luís de Camões.

DIOGO DO COUTO: Devias sair de Lisboa, levar tua mãe.

LUÍS DE CAMÕES: E para onde iríamos? Minha mãe diz que a peste está no fim, que o céu já tem o seu carregamento de almas completo. E que desta casa não sai. E eu, se escapei de pelouros e bombardas, de flechas e cutiladas, decerto não voltei a Lisboa para morrer de peste. Primeiro, há-de o meu livro ser publicado.

DIOGO DO COUTO: Tens escrito?

LUÍS DE CAMÕES: Corrijo, faço obra de remendão.

DIOGO DO COUTO: E novos versos?

LUÍS DE CAMÕES: Nada que mereça sair da manada dos enjeitados. Olho para dentro de mim e vejo-me seco e vazio. Durante a viagem, pensei que se me abririam as fontes quando arribasse a Lisboa. Ver a cidade fechada, atribulada de doença e em tão grande mortandade... Que pode um poeta compor?

DIOGO DO COUTO: Talvez destes mesmos dias de peste...

LUÍS DE CAMÕES: Estranha ideia, essa.

DIOGO DO COUTO: Se sobre as guerras fazem os poetas belos versos, porque não hão-de fazê-los magníficos sobre as pestes?

LUÍS DE CAMÕES: Não se usa.

DIOGO DO COUTO: Tu já usaste. Lembra-te daquelas oitavas em que falas da podridão das gengivas dos marinheiros, e do cheiro pestilento, e de se lhes retalharem as carnes como em mortos que eram já. É a peste.

LUÍS DE CAMÕES: Singular homem tu és, Diogo do Couto.

Quem sabe se não seria justo e necessário escrever isso, e
não só finezas da alma e alvoroços do coração?

DIOGO DO COUTO: Só tu o poderás fazer. Assim o quisesses...

LUÍS DE CAMÕES: Não creio que o faça. (*Mudando de tom.*) E tu,
que vieste fazer a Lisboa? Mais seguro estarias em Almeirim, longe da pestilência.

DIOGO DO COUTO: Disse-to já. Tenho de falar com o capitão da
nau. E também te queria avisar de que se espera não tarde
muito a corte a vir a Lisboa. Não será para amanhã, por
enquanto ainda a peste anda acesa, mas dá tu atenção ao
regresso de el-rei, e assim que haja notícia de ter chegado
a corte, vai lá, leva a tua obra e pede por ela.

LUÍS DE CAMÕES: Estou desacostumado dos usos da corte. Fol-
garia de ser como tu, que de usos aceitas todos e nenhum.
Mas lá irei. Não há nada que mais deseje no mundo que
ver o meu livro publicado. E tu, já recebeste despacho?

DIOGO DO COUTO: Desacostumado estás, em verdade. E devias
sabê-lo, que na Índia é ainda menor a diligência. Àquelas
portas ganha cabelos brancos quem os tiver escuros. Sen-
ta-se um homem ainda neto naqueles escanos e vem des-
pachado avô. (*Mudando de tom.*) Em Almeirim, os ares
são puros, mas a peste também por lá anda.

LUÍS DE CAMÕES: Que queres dizer?

DIOGO DO COUTO: Não menos do que disse. El-rei rodeia-se de
frades e privados, não quer saber doutros conselhos, e
Deus sabe que estes não são bons. Todo o seu sonho é con-
quistar Marrocos, vencer o Turco, libertar os Santos
Lugares. A rainha inclina-se para Castela, está-lhe no san-
gue, o cardeal opõe-se, mas ninguém sabe ao certo o que
quer o cardeal. Na Índia não pensávamos que o reino fos-
se esta barca sem leme nem mastro.

LUÍS DE CAMÕES: Tanto e tão mal encontraste em tão pouco
tempo?

DIOGO DO COUTO: Não me acreditas? O tempo dirá se me en-
gano.

LUÍS DE CAMÕES: E el-rei? Como é el-rei? Quando parti para a Índia, ainda ele não era nascido.

DIOGO DO COUTO: El-rei... El-rei é uma criança de dezasseis anos. Gosta de caçar e montear, arrenega do governo do reino, reza mais do que a rei convém. Mas é corajoso. Diz-se que só tem medo de uma coisa, do casamento. Falar-lhe em casar é o mesmo que falar-lhe em morte. É robusto de corpo, louro. Aí tens el-rei. Ah, é verdade. Descal-lhe o beiço.

LUÍS DE CAMÕES: Amargurado estás, digo-te eu agora.

DIOGO DO COUTO: Luís Vaz, este rei não basta sequer para Portugal, como pode chegar para tão grande sonho de conquista? Deixámos a confusão da Índia, pior está Portugal.

LUÍS DE CAMÕES: Este rei... É o rei que temos, e as coisas que sonha são grandes, como dizes.

DIOGO DO COUTO: Os melhores sonhos são os que se fazem com os olhos abertos, não os da cegueira. Perdoa-me, Luís Vaz.

LUÍS DE CAMÕES: Julgas-me melindroso a esse ponto? Deve-se falar de corda em casa de enforcado.

DIOGO DO COUTO: E de loucura em casa de orates.

LUÍS DE CAMÕES: Vai tão longe o mal?

DIOGO DO COUTO: Julgarás por ti quando à corte fores.

LUÍS DE CAMÕES: Julgarei.

ANA DE SÁ: (*Entrando.*) A ceia está pronta. O senhor Diogo do Couto fica para comer?

DIOGO DO COUTO: Saio já. Dê-me Vossa Mercê licença de que me retire. Breve nos veremos, Luís Vaz. (*Sai.*)

ANA DE SÁ: É um homem direito e bom, Diogo do Couto. Deverás cuidar dele como se fosse teu irmão.

LUÍS DE CAMÕES: Diogo do Couto é meu irmão.

ANA DE SÁ: (*Depois de ir dentro.*) Aqui tens a ceia.

LUÍS DE CAMÕES: E vós, minha mãe, não comeis?

ANA DE SÁ: Comi lá dentro, enquanto estivestes conversando.

LUÍS DE CAMÕES: É verdade?

ANA DE SÁ: É.

(Luís de Camões come em silêncio. Em silêncio, e de pé, Ana de Sá assiste. Depois leva o prato. Não regressa. Luís de Camões reflecte, levanta-se, vai mexer nos seus papéis, colhe alguns, lê vagamente.)

LUÍS DE CAMÕES: *(Lendo e acentuando progressivamente a ênfase.)* Dai-me uma fúria grande e sonorosa,/ E não de agreste avena ou frauta ruda,/ Mas de tuba canora e belicosa,/ Que o peito acende e a cor ao gesto muda;/ Dai-me igual canto aos feitos da famosa/Gente vossa, que a Marte tanto ajuda:/ Que se espalhe e se cante no Universo,/ Se tão sublime preço cabe em verso. *(Falando como se pensasse.)* Aqui é que deverá entrar a dedicatória... A dedicatória a el-rei... *(Lendo outra vez.)* E vós, Tágides minhas... *(Fala.)* Diogo do Couto vê em tudo sombras, é o seu feitio... Grandes coisas são estas que sonha el-rei... *(Torna a ler.)* E vós, Tágides minhas... *(Fala.)* Um verso, para começar, que emparelhasse com este, um vocativo... *(Começa a ouvir-se a sineta da galera dos mortos de peste.)* E vós, ó bem nascida segurança... Sim, isto será... *(Senta-se à mesa, puxa pena, papel e tinta e começa a escrever. A sineta vai aumentando de intensidade.)* E vós, ó bem nascida segurança/ Da Lusitana antiga liberdade,/ E não menos certíssima esperança... *(Vai diminuindo o tom, enquanto diminui também o toque da sineta e a luz baixa.)*

QUINTO QUADRO

*Corte em Lisboa. Junho de 1570, sala do Paço. A frequen-
tação costumada de frades, fidalgos e moços. Dos fidalgos,
alguns vestem já roupas sóbrias, outros ainda trajam luxuosa-
mente: tem poucas semanas a pragmática sobre o luxo.*

3º FIDALGO: Pelos santos evangelhos, digo-vos que de muita bondade é esta pragmática. Bem se determinou el-rei mandando pôr cobro aos gastos de sumptuária que se faziam em panos e adereços, e que haveriam de servir para se perderem as almas enquanto se não viesse a perder o reino.

FRADE: Isso que dizeis é santo. Gaste cada um não mais que os rendimentos que tiver, e com o que sobrar compre bens de raiz e prata chã, que esses, ao menos, não se rompem nem perdem o seu valor. Se muito pensassem os fidalgos nos luxos do trajar, pouco pensariam nas guerras que vai ser mister fazer.

4º FIDALGO: (*Que traja com alguma ostentação*) Ainda não tive tempo de mudar o guarda-roupa de minha casa para cumprir as ordens de el-rei, cujas, por estas barbas, acato e seguirei.

3º FIDALGO: Mais diligente fui do que vós. Em uma semana, não mais, todos os de minha casa passaram a vestir com modéstia.

4º FIDALGO: Porventura estaríeis vós mais provido de bens para em tão pouco tempo terdes podido reformar por inteiro o vosso guarda-roupa. Ou não seriam as vossas galas tantas, para sem pena delas vos despedirdes?

3º FIDALGO: Querereis explicar-vos por palavras claras?

4º FIDALGO: São muito claras as palavras, tanto no seu dizer como no seu sentido.

FRADE: Senhores, questionar sobre tal matéria, não é para gente de razão e bom nascimento. Olhai antes que alegre está o céu por ver que segue a nobreza de Portugal o santiíssimo exemplo da Igreja. Ricas e poderosas são as nossas ordens em terras, pessoas e outros bens, e contudo vede como nós, servos de Deus, vestimos pobemente. Que é melhor para a alma? Trajar o corpo sedas e cetins, ou alargar domínios, os vossos e os do reino?

3º FIDALGO: Tendes razão.

4º FIDALGO: Boa razão tendes.

FRADE: Ora pois, e não torneis a enfadar-vos, que com os enfados da nobreza sofre a fazenda de el-rei e entristece a Igreja.

4º FIDALGO: Por estas barbas...

3º FIDALGO: Pelos santos evangelhos... (*Integram-se no conjunto.*)

(*Entra Luís de Camões, traz papéis debaixo do braço. Disfarça o embarço pisando com certa arrogância. Há quem o olhe com alguma curiosidade, há quem não repare sequer nele. Apenas um dos presentes, Miguel Dias, se aproxima.*)

MIGUEL DIAS: Enganam-me os meus olhos, ou vós sois Luís Vaz?

LUÍS DE CAMÕES: Não vos enganam. Muito mais me engana este que me resta, se não me diz quem sois vós.

MIGUEL DIAS: No tempo da nossa mocidade, chamáveis-me Miguel Dias. Diz-vos este nome alguma coisa?

LUÍS DE CAMÕES: Miguel Dias. Ora já me lembro. Folgo de vos ver.

MIGUEL DIAS: Vindes para despachar os vossos negócios? Por Duarte de Abreu soube que desembarcastes da nau *Santa Clara*.

LUÍS DE CAMÕES: A isso vim, como todos os soldados que da Índia chegam. E também por causa destes meus papéis.

MIGUEL DIAS: Que coisas são esses escritos, se não é confiado perguntar? Mas será talvez matéria de segredo...

LUÍS DE CAMÕES: Mal me será se nisso se tornar. O que aqui trago é uma obra que escrevi em oitava rima sobre as navegações que fez D. Vasco da Gama à Índia e sobre os feitos dos portugueses desde o princípio.

MIGUEL DIAS: Excelente é a intenção. Não o será menos o resultado.

LUÍS DE CAMÕES: Assim espero. Mas não me cabe a mim dizê-lo. Sabe-se o que se diz de quem a si próprio se elogia.

MIGUEL DIAS: Já em vossa mocidade cultiváveis as musas. Mas agora subiu o vosso pensamento a mais alto lugar.

LUÍS DE CAMÕES: Prouvera que não caia desasado.

(*Entra Martim Gonçalves da Câmara.*)

MIGUEL DIAS: Este é Martim Gonçalves da Câmara, secretário de Estado. Vinde comigo. (*Aproximam-se.*) Martim Gonçalves, está aqui Luís Vaz de Camões que veio da Índia para requerer despacho de seus serviços.

MARTIM DA CÂMARA: Folgo de vos conhecer, senhor Luís Vaz, mas havereis de falar com os despachadores que têm encargo de serem juízes dessas satisfações.

LUÍS DE CAMÕES: Assim farei, senhor secretário de Estado. Perdoai a Miguel Dias ter cortado o vosso passo para abrir caminho ao meu. Vivi dezassete anos na Índia, desacostumei-me dos usos, estou como lavrador da Beira diante do palácio dos Estaus. Foi Deus, decerto, que pôs aqui Miguel Dias e vos trouxe a vós em tão breve tempo.

MIGUEL DIAS: Todos somos instrumentos da vontade divina. E porque se acabou a minha parte neste movimento, deixovos, que tem Luís Vaz outro assunto a tratar convosco. (*Afasta-se.*)

MARTIM DA CÂMARA: Não poderei demorar-me. El-rei não tarda aí para o Conselho de Estado. Que desejais?

LUÍS DE CAMÕES: Trago para publicar uma obra em oitava rima...

MARTIM DA CÂMARA: Já tendes o parecer do Santo Ofício?

LUÍS DE CAMÕES: Há dois meses apenas que desembarquei, senhor Martim da Câmara.

MARTIM DA CÂMARA: A hora não é conveniente para falarmos, e também o lugar. El-rei vem aí...

LUÍS DE CAMÕES: Sua Alteza passará por esta sala?

MARTIM DA CÂMARA: Sim, passará.

LUÍS DE CAMÕES: Dizei-lhe uma palavra em meu favor, rogo-vos essa mercê. Dizei-lhe que neste meu livro canto os feitos dos portugueses na Índia, dizei-lhe que...

MARTIM DA CÂMARA: Senhor Luís Vaz, eu farei por vós o que puder, desde que não vá contra os interesses de el-rei e do reino. Porém, tereis de esperar o tempo e a oportunidade. Vai reunir-se agora o Conselho de Estado, amanhã sairá el-rei para Santarém, vede vós se terei tão cedo ocasião para tratar dos vossos negócios. Sobre os vossos serviços na Índia, já vos disse, falai com os despachantes.

LUÍS DE CAMÕES: Poderei ver passar el-rei?

MARTIM DA CÂMARA: Por certo que sim, se aqui estais.

LUÍS DE CAMÕES: Beijo-vos as mãos pela mercê. Não gasteis mais do vosso tempo comigo.

(*Martim Gonçalves da Câmara retira-se. Aproxima-se Miguel Dias.*)

MIGUEL DIAS: Afinal, serviu-se bem Deus de mim para vos servir bem a vós?

LUÍS DE CAMÕES: Quem sabe? Se Deus escreve direito por linhas tortas, espero que não se perca na falta de direiteza destas.

MIGUEL DIAS: Continuarei a ser hoje o vosso custódio. Está ali alguém a quem deveis falar.

LUÍS DE CAMÕES: Quem é esse?

MIGUEL DIAS: O conde de Vidigueira, terceiro conde do título, que, como seu avô, também se chama Vasco da Gama.
Talvez vos dê boa protecção...

LUÍS DE CAMÕES: Custódio me sois, mas agora não milagroso.
Sua Mercê voltou-nos as costas, conversa com dois frades...

MIGUEL DIAS: E el-rei vem entrando.

(*Entra D. Sebastião, acompanhado da rainha D. Catrina, do cardeal D. Henrique, do padre Luís da Câmara, de Martim da Câmara e mais personagens da corte e do Conselho de Estado. O conde de Vidigueira junta-se ao séquito, em lugar principal. Quando D. Sebastião se aproxima, Luís de Camões adianta-se.*)

LUÍS DE CAMÕES: (*Pondo um joelho no chão.*) Alteza... (*Há um movimento de surpresa, um murmúrio, o cortejo pára, Martim da Câmara vem à frente.*) Servi dezassete anos na Índia...

MARTIM DA CÂMARA: Senhor Luís Vaz... (*Agitação no séquito da rainha.*)

LUÍS DE CAMÕES: Neste livro que aqui vedes tenho escrito os feitos dos vossos antepassados e as navegações dos portugueses, do povo de que sois senhor.

MARTIM DA CÂMARA: Senhor Luís Vaz de Camões, afastai-vos, deixai passar Sua Alteza. Estais a importunar el-rei. Como foi que vos atrevestes?

LUÍS DE CAMÕES: Permiti, senhor, que vos leia, e que as ouça a corte, algumas oitavas, estas que não há muitos dias compus, a dedicatória a Vossa Alteza. Sabereis...

(*D. Sebastião, que tem ouvido indiferente, avança para o outro lado e retira-se, levando atrás de si todo o séquito, incluindo a figuração que estivera presente desde o princípio da cena. Luís de Camões permanece como estava, com um joelho em terra, segurando os papéis abertos. Não reparo que uma mulher, antes de sair, se voltara para trás, a olhá-lo. Põe-se de pé. Parece acordar.*)

SEXTO QUADRO

Casa de Luís de Camões, Junho de 1570. Ana de Sá, Francisca de Aragão, Luís de Camões.

ANA DE SÁ: Quem bate? (*Levanta-se do banco baixo em que está costurando e vai abrir.*) A quem procurais?

FRANCISCA DE ARAGÃO: A Luís Vaz de Camões. Está em casa?

ANA DE SÁ: Está. Entre Vossa Mercê. Meu filho esteve a escrever nos seus livros todo o dia. Deitou-se há migalho para descansar.

FRANCISCA DE ARAGÃO: Dorme?

ANA DE SÁ: Dormirá. E se dormir, é a vossa visita de tanta urgência que o acorde?

FRANCISCA DE ARAGÃO: Será muito proveitoso aos interesses de vosso filho que eu lhe fale. Sois a mãe de Luís Vaz?

ANA DE SÁ: Ana de Sá, para vos servir. E vós, quem sois?

FRANCISCA DE ARAGÃO: D. Francisca de Aragão, dama da rainha.

ANA DE SÁ: É a rainha quem vos manda? Trazeis um recado do paço? Meu filho foi lá há dois dias...

FRANCISCA DE ARAGÃO: Não trago recado do paço. Sou eu o meu recado.

ANA DE SÁ: Que nome dissetes?

FRANCISCA DE ARAGÃO: Francisca de Aragão. Conheci o vosso filho há muitos anos.

ANA DE SÁ: Lembro-me do vosso nome...

FRANCISCA DE ARAGÃO: Há filhos que amam tanto suas mães que não podem calar a elas os amores que têm por outras mulheres. Ama-vos assim Luís Vaz?

ANA DE SÁ: Se o que dissetes é realmente medida de muito amor, vim agora a saber o amor de meu filho. Mas, vós, que lhe quereis, depois de tantos anos? Luís Vaz não é aquele moço formoso que partiu para a Índia...

FRANCISCA DE ARAGÃO: Também nós já não somos as mulheres que o vimos partir.

ANA DE SÁ: Vós sois formosa. Eu sou a mãe.

FRANCISCA DE ARAGÃO: Senhora Ana de Sá, devo falar ao vosso filho. Estou em vossa casa. Não posso ir eu despertá-lo, se é verdade que dorme, mas imaginai o que sinto no meu coração, sabendo-o tão perto, e vós que não vos decidis a ir chamá-lo.

ANA DE SÁ: Outra vez vos digo que Luís Vaz já não é o moço formoso que partiu para a Índia. Talvez que os vossos olhos se recusem a reconhecê-lo.

FRANCISCA DE ARAGÃO: Sei como está vosso filho. Vi-o no paço.

ANA DE SÁ: E ele, viu-vos?

FRANCISCA DE ARAGÃO: Não.

ANA DE SÁ: Dos dois, vai ser ele o mais afortunado. Sois bela, senhora D. Francisca de Aragão, mas olhai se convosco vem a meu filho a desfortuna.

FRANCISCA DE ARAGÃO: Tivesse eu todo o bem do mundo, e ele seria de Luís Vaz. Por favor, ide acordá-lo.

ANA DE SÁ: Irei. (*Sai.*)

(*Francisca de Aragão fica sozinha. Aproxima-se da mesa, mexe nos papéis espalhados, tenta ler, depois abandona-os, fica a olhar a porta por onde Luís de Camões vai entrar.*)

LUÍS DE CAMÕES: Senhora.

FRANCISCA DE ARAGÃO: Luís Vaz. Luís Vaz, tão contente estou de vos ver.

LUÍS DE CAMÕES: E eu a vós, senhora.

(Nem um nem outro sabem que mais dizer. A insustentável tensão é quebrada por Francisca de Aragão que corre para Luís de Camões e se abraça a ele.)

FRANCISCA DE ARAGÃO: Oh, Luís.

LUÍS DE CAMÕES: Passou muito tempo.

FRANCISCA DE ARAGÃO: Quando vos vi no paço, sem esperar, não tinha ouvido falar do vosso regresso...

LUÍS DE CAMÕES: Vistes-me no paço? Quando?

FRANCISCA DE ARAGÃO: Eu acompanhava a rainha.

LUÍS DE CAMÕES: Ah.

FRANCISCA DE ARAGÃO: Foi uma loucura, Luís Vaz. Onde tendes vivido para acreditar que el-rei vos ouviria, ali, na passagem para o Conselho?

LUÍS DE CAMÕES: E noutra ocasião, e noutro lugar, ouvirá? Terá Luís de Camões de pôr os dois joelhos em terra para que lhe ouçam os versos?

FRANCISCA DE ARAGÃO: Sofri por vós. Pudesse eu, e teria voltado atrás, para apertar-vos nos meus braços, como faço agora.

LUÍS DE CAMÕES: É muita bondade a vossa.

FRANCISCA DE ARAGÃO: Bondade?

LUÍS DE CAMÕES: Ou compaixão?

FRANCISCA DE ARAGÃO: Não sois vós homem por quem se tenha compaixão. (*Em voz baixa.*) Amor sei eu que vos tive, e grande.

LUÍS DE CAMÕES: Passou muito tempo.

FRANCISCA DE ARAGÃO: É verdade. Porém, quando vos vi, foi como se a roda do tempo tivesse desandado vinte anos para trás e eu estivesse outra vez nos vossos braços. Aperavam-me eles então com muito mais força, Luís Vaz.

LUÍS DE CAMÕES: Perderam o vigor que tinham.

FRANCISCA DE ARAGÃO: A força dos braços é no coração que nasce.

LUÍS DE CAMÕES: Senhora...

FRANCISCA DE ARAGÃO: Francisca é o meu nome...

LUÍS DE CAMÕES: Francisca, seja. Voltei da Índia sem riqueza nem esperança de a ter, e com a saúde perdida. Durante dezassete anos sofri além-mar o que além-mar em geral se sofre, mais a parte que só a mim me cabia. Trouxe papéis com versos, é tudo quanto tenho.

FRANCISCA DE ARAGÃO: Quero ler esses versos.

LUÍS DE CAMÕES: Para quê?

FRANCISCA DE ARAGÃO: De vós, sei o que éreis. Mais me dirão agora os versos de quem sois hoje, do que vós narrando-me esses dezassete anos em outros dezassete.

LUÍS DE CAMÕES: Nem eu duraria tanto, senhora.

FRANCISCA DE ARAGÃO: Francisca.

LUÍS DE CAMÕES: Francisca.

FRANCISCA DE ARAGÃO: Se durareis ou não, Deus sabe. Agora estamos ambos vivos. Luís, eu sinto que posso amar-vos outra vez.

LUÍS DE CAMÕES: Este cego?

FRANCISCA DE ARAGÃO: Já o éreis quando vos amei.

LUÍS DE CAMÕES: Este homem sem fortuna?

FRANCISCA DE ARAGÃO: Esse coração.

LUÍS DE CAMÕES: Oh, Francisca, sou um homem que amou muitas mulheres, e a cada uma muito amou. Amei-vos a vós...

FRANCISCA DE ARAGÃO: Acabai.

LUÍS DE CAMÕES: Amei-vos num tempo melhor do que este. Ainda não sabíamos então que a velhice existia.

FRANCISCA DE ARAGÃO: E agora?

LUÍS DE CAMÕES: Eu estou velho.

FRANCISCA DE ARAGÃO: Eu não o serei nunca.

LUÍS DE CAMÕES: Essa palavra me faria enamorar de vós outra vez.

FRANCISCA DE ARAGÃO: Enamorai-vos.

LUÍS DE CAMÕES: Na guerra, no campo de batalha, vemos cair um companheiro, parece às vezes a ferida ligeira, e se o queremos ajudar a erguer-se, os membros desfalecem-lhe, é um corpo morto que mais tarde teremos de enterrar. Outras vezes julgamos que é mortal o golpe, que não há

esperança, passamos adiante e contamo-nos um a menos, mas olhamos para o lado e vemos que ele se levantou por suas próprias forças e continua o combate, mesmo deixando atrás de si o sangue. Assim são os amores. Julgamo-los vivos e estão mortos, julgamo-los mortos e estão vivos.

FRANCISCA DE ARAGÃO: Enamorai-vos.

LUÍS DE CAMÕES: Não tenho nada para vos dar.

FRANCISCA DE ARAGÃO: Enamorai-vos. Não terá de dar mais quem der o amor.

LUÍS DE CAMÕES: Não é nas grandes fogueiras que mais nos queimamos. Desses, fugimos. É no lume que julgávamos apagado.

FRANCISCA DE ARAGÃO: Todos nos queimamos. Também eu amei outros homens, e muito a cada um. É a minha natureza. E este tempo de hoje sei eu que não será diferente daquele em que fui amada por vós, se o que o meu coração sentir for igual.

LUÍS DE CAMÕES: É igual?

FRANCISCA DE ARAGÃO: Amanhã o saberei. O tempo irá dizer.

LUÍS DE CAMÕES: Olhai bem, Francisca. Não vamos fugir a cuidados.

FRANCISCA DE ARAGÃO: Mas porém a que cuidados?
(Reflecte.) Aí tendes. Glosai-me este mote.

LUÍS DE CAMÕES: Que mote?

FRANCISCA DE ARAGÃO: “Mas porém a que cuidados?” Pelas glosas que dele fizerdes saberei se me ireis ter amor.

LUÍS DE CAMÕES: Falais seriamente?

FRANCISCA DE ARAGÃO: Muito seriamente.

LUÍS DE CAMÕES: Então farei por que não digam tão de mais que vos enganem a vós, nem tão de menos que me iludam a mim. Lá vos mandarei as glosas.

FRANCISCA DE ARAGÃO: E agora, Luís Vaz, basta de falar de amores. Os passados passaram já, os futuros farão mais do que falar. Vou amar-vos outra vez, mas agora tratemos dos vossos negócios.

LUÍS DE CAMÕES: Não estão bem encaminhados...

FRANCISCA DE ARAGÃO: Terão caminho. Copai-me a vossa obra das navegações, eu falarei à rainha, arranjarei modo de fazer chegar uma palavra ao rei, tenho alguma influência no paço. Fidalgos haverá decerto que se interessarão por vós. A vossa grande navegação terminou, chegastes a bom porto, vereis que tudo irá mudar.

LUÍS DE CAMÕES: Que ânimo tendes.

FRANCISCA DE ARAGÃO: Não era eu assim quando me conhecestes? Quem sabe se só não me reconhecieis assim? E outra coisa fareis, essa vos compete, falar ao conde de Vidigueira, a D. Vasco da Gama, é muito em prol da sua casa que o vosso livro seja publicado. Ele vos dará proteção.

LUÍS DE CAMÕES: Tendes a certeza?

FRANCISCA DE ARAGÃO: É o seu dever, honrar a memória do avô.

LUÍS DE CAMÕES: Queira Deus ouvir-vos.

FRANCISCA DE ARAGÃO: Ouvirá. E agora, Luís, deixai-me partir. Vou contente.

LUÍS DE CAMÕES: Posso beijar-vos?

FRANCISCA DE ARAGÃO: Desde quando pede Luís de Camões um beijo? Deveis beijar-me.

(*Sai. Luís de Camões sorri. Está num sonho diferente. Entra Ana de Sá.*)

ANA DE SÁ: Que te queria essa dama da rainha?

LUÍS DE CAMÕES: (*Abanando a cabeça como diante do inacreditável.*) Francisca...

SÉTIMO QUADRO

Palácio do conde de Vidigueira. D. Vasco da Gama, a condessa D. Maria de Ataíde, Luís de Camões, frei Manuel da Encarnação, aias, moços de câmara.

CONDE DE VIDIGUEIRA: (*A quem um criado veio dar um recado em voz baixa.*) Trá-lo cá. (*Para a condessa.*) Vem aí Luís Vaz de Camões saber a resposta à sua carta. (*Para os outros.*) Não vos retireis, que o negócio é de pouca monta e nenhum segredo...

LUÍS DE CAMÕES: (*À entrada.*) Senhor conde... (*Faz vénia, depois repete-a na direcção da condessa.*) Senhora condessa...

CONDE DE VIDIGUEIRA: Entrai, senhor Luís Vaz.

LUÍS DE CAMÕES: Recebi o vosso recado, senhor conde. Vossa Mercê mandou-me chamar, aqui estou... Posso esperar que tenhais lido a minha carta e as oitavas que juntei?

CONDE DE VIDIGUEIRA: Li a carta e os mais papéis que vieram com ela. Dizei por claro o que pretendéis.

LUÍS DE CAMÕES: Senhor conde, a carta pedia a vossa protecção para as oitavas que por cópia estão em vossas mãos e para as irmãs delas que em minha casa ficaram. Disse-vos que é uma obra composta sobre os feitos dos portugueses e a navegação para a Índia, em que esteve vosso avô como capitão-mor.

CONDE DE VIDIGUEIRA: Decerto não quereis contar-me a história da minha família. (*Risos das aias.*)

LUÍS DE CAMÕES: Não poderia ser essa a minha intenção. Vossa Mercê mandou que por claro me explicasse.

CONDE DE VIDIGUEIRA: Mas não para vos ouvir repetir a carta nem os versos. Abreviemos.

LUÍS DE CAMÕES: Espero a resposta de Vossa Mercê.

CONDE DE VIDIGUEIRA: Por escrito a receberíeis, mas em atenção à memória de meu avô e de meu pai, a quem sucedi nesta casa da Vidigueira, mandei-vos chamar. Pedis protecção na vossa carta. Que protecção é a que esperais?

LUÍS DE CAMÕES: A que for justa para a minha obra e digna da memória do vosso antepassado.

CONDE DE VIDIGUEIRA: Pondes a vossa obra adiante da memória de meu avô?

LUÍS DE CAMÕES: Foi por essa ordem que saíram as palavras da minha boca. Vossa Mercê não pode fazer outros juízos.

CONDE DE VIDIGUEIRA: Dizeis-me, a mim, conde de Vidigueira e almirante da Índia, que não posso fazer outros juízos? Sois muito confiado, senhor Luís Vaz.

LUÍS DE CAMÕES: Senhor conde, eu direi, se vos aprouver, que a protecção que espero de vós é a que for justa para a memória de vosso avô e digna da minha obra.

D. MARIA DE ATAÍDE: Tarde veio a emenda e retorcida. É remendar seda com burel.

LUÍS DE CAMÕES: Eu, senhora condessa, de panos de vestir não sei mais do que estes que trago, que não são burel nem seda.

D. MARIA DE ATAÍDE: Altivo me saiu quem de tanta protecção diz precisar.

LUÍS DE CAMÕES: Deixei de o ser quando a pedi.

CONDE DE VIDIGUEIRA: Senhor Luís Vaz, esta matéria não requer mais alongada conversação. Se é dinheiro que quereis da minha casa, se dinheiro quereis...

LUÍS DE CAMÕES: Dedicam-se as obras aos protectores delas...

CONDE DE VIDIGUEIRA: Se é dinheiro...

LUÍS DE CAMÕES: Vossa Mercê mo recusará se o não quiser dar.

CONDE DE VIDIGUEIRA: Recuso.

LUÍS DE CAMÕES: Senhor Conde, a impressão da minha obra em que louvo e canto o primeiro conde de Vidigueira, vosso avô, terá então de sair da minha bolsa, que veio vazia da Índia. Da Índia trouxeram muitos outros a bolsa cheia. Talvez venha a pedir-lhes auxílio a eles, mas pensei que vos faria injúria não começando por vós...

CONDE DE VIDIGUEIRA: Sois poeta e bem falante, senhor Luís Vaz. Ficai com a glória do vosso bem falar e bem escrever, que a casa da Vidigueira não precisa de quem lhe cante as glórias, ou pagará a encomenda que fizer para lhas cantarem. E eu não me lembro de vos ter encomendado este trabalho. (*Entrega os papéis a Luís de Camões, que os recebe.*) Podeis retirar-vos.

LUÍS DE CAMÕES: Aonde irá morrer o conde de Vidigueira? Na hora de morrerdes, quem sabe se antes de mim, bom será que vos lembreis dessas palavras. É a última ocasião que tereis de pedir perdão a Deus por tê-las dito. Senhora condessa... (*Sai.*)

D. MARIA DE ATAÍDE: Cego seja do outro olho o vilão ruim.

VOZES DIVERSAS: Cego seja, cego seja.

CONDE DE VIDIGUEIRA: Calai-vos! Luís Vaz não é vilão. (*Silêncio. Murmurando.*) Aonde irá morrer o conde de Vidigueira?...

D. MARIA DE ATAÍDE: Deixai esses agoiros. Que vos pareceu o atrevimento, frei Manuel da Encarnação?

FREI MANUEL DA ENCARNAÇÃO: Perdoemos ao louco o seu pouco juízo.

D. MARIA DE ATAÍDE: Olhai. Dos papéis que trouxe Luís de Camões ainda ficou este aqui.

(*O conde de Vidigueira faz um gesto cansado com a mão. A condessa, num repente furioso, rasga o papel em quatro e lança os bocados para o chão. Aias e moços precipitam-se, disputam os fragmentos, e rasgam-nos em bocadinhos cada vez mais pequenos, atirando-os ao ar.*)

FIM DO PRIMEIRO ACTO

Segundo acto

PRIMEIRO QUADRO

Casa de Damião de Góis, no sítio do Castelo. Fevereiro de 1571. Durante algum tempo, a cena está deserta. Ouve-se música da época. Depois entram Damião de Góis, Luís de Camões e Diogo do Couto. Camões e Couto amparam discretamente Damião de Góis. Mais tarde virá Francisca de Aragão.

DAMIÃO DE GÓIS: Deus vos pague, meus amigos. (*Senta-se.*)

Porém, não me julgueis tão sem forças que não seja capaz, em minha casa, de andar sem ajudas. Mas padecem os velhos de uma certa fraqueza que principalmente os acomete quando estão presentes ombros fortes e corações novos. Assentaremos que afinal fraqueza não será, mas antes a brandura que a idade traz à alma.

LUÍS DE CAMÕES: Diogo do Couto é moço. Eu é que já estou no caso de se me embrandecer a alma, mas a estes ombros e a este coração podereis sempre, senhor Damião de Góis, confiar isso que dizeis ser vossa fraqueza. Ainda que em vós só vejo a sabedoria, e não debilidade e vagueza do espírito.

DAMIÃO DE GÓIS: Se nos lançássemos em torneios de finezas, estou que seríeis o vencedor. Porém, antes de passarmos adiante na nossa conversação, protesto que estejais vós em idade de vos embrandecer a alma, como dissestes. E

ainda que a idade tivésseis, a fraqueza não. Quem, como vós, escreveu aquela obra de tanta excelência...

LUÍS DE CAMÕES: Não parece que na corte sejam muitas as vozes para fazerem coro com a vossa nesse juízo.

DIOGO DO COUTO: Vai para um ano que Luís Vaz chegou a Lisboa, e tem vivido de esperanças e desespero. Senhor Damião de Góis, que desvairamento é este, que reino temos? Nunca em Portugal se escreveu um livro assim, e ninguém o agradece.

DAMIÃO DE GÓIS: Comemos, bebemos, folgámos honestamente, falemos agora de algumas coisas graves. Mas antes vá Diogo do Couto fechar a janela, porque a este sol de Fevereiro sobeja-lhe em luz o que lhe falta em calor, e também a porta, por causa do que a Portugal também sobeja e do que a Portugal falta. (*Diogo do Couto executa.*)

LUÍS DE CAMÕES: Enigmático estais hoje, senhor Damião de Góis.

DIOGO DO COUTO: Que é isso que sobeja e falta a Portugal?

DAMIÃO DE GÓIS: Falta a Portugal espírito livre, sobeja espírito derrubado. Falta a Portugal alegria, sobejam lágrimas. Falta a Portugal tolerância, sobeja prepotência.

LUÍS DE CAMÕES: Por isso mandastes fechar a porta em vossa própria casa?

DAMIÃO DE GÓIS: Por isso foi. Ainda que muitas vezes aconteça fecharem-se as portas como as bocas, tarde de mais.

DIOGO DO COUTO: Senhor Damião de Góis, por mercê, rogo-vos que vos expliqueis.

DAMIÃO DE GÓIS: Falemos primeiramente do livro de Luís Vaz, ainda que tudo venha a ser o mesmo falar. Que passos destes?

LUÍS DE CAMÕES: Fui a Martim Gonçalves da Câmara, que me fez promessas de modo como as promessas costumam ser feitas. Ajoelhei-me aos pés de el-rei, porque acreditei inocentemente que ali, diante da corte, posto o meu livro à vista de todos, Sua Alteza daria exemplo de benevolência e me falaria. Ainda não sei, até hoje, como é a voz de el-rei

D. Sebastião. Pedi a protecção de D. Vasco da Gama e sofri grande vexação de que não falarei, nem mesmo diante de vós, senhor Damião de Góis, nem a ti, Diogo do Couto. E se a um e a outro a não relato, vede se poderei dizê-la a mais alguém.

DIOGO DO COUTO: Nem sequer a D. Francisca de Aragão?

LUÍS DE CAMÕES: Diogo do Couto, não pergunto a razão escondida da tua pergunta, se há alguma escondida razão. Prefiro pensar que se estás falando dessa senhora, é só porque eu te disse ter ela mostrado grande empenho em mover em meu favor o paço.

DAMIÃO DE GÓIS: Se não me enganam os ouvidos, estais querendo.

LUÍS DE CAMÕES: Enganam-vos os vossos ouvidos, sim. Diogo do Couto fez uma pergunta, e eu respondi. Não nascerá o dia que nos veja em discórdia.

DIOGO DO COUTO: Assim é. E se na minha pergunta viste malícia, não é a malícia minha, mas das vozes do paço.

LUÍS DE CAMÕES: Que dizem as vozes do paço?

DIOGO DO COUTO: O paço diz o que Luís Vaz não quis confiar ao seu amigo Diogo do Couto. Salvo se mente o paço, e então não teria realmente Luís Vaz matéria que confiasse a Diogo do Couto.

DAMIÃO DE GÓIS: Quereis que me retire e vos deixe conversando?

LUÍS DE CAMÕES: Far-me-íeis injúria, senhor Damião de Góis. Sou vosso parente, e com ouvirdes estas coisas não sofre a vossa honra nem a minha. Porém poderá sofrer a da pessoa de quem falamos.

DIOGO DO COUTO: Perdoa-me, Luís Vaz. Da minha boca não se ouvirá uma palavra mais. (*Retira-se para a janela.*)

LUÍS DE CAMÕES: Melhor é assim. De proveito apenas restou ficardes vós a saber já, senhor Damião de Góis, aquilo que seguidamente vos iria dizer. Que a senhora D. Francisca de Aragão, dama da rainha, pediu por mim no paço.

DAMIÃO DE GÓIS: E os resultados?

LUÍS DE CAMÕES: Nenhuns até hoje, que eu o saiba.

DAMIÃO DE GÓIS: Eu mesmo me irei interessar pelo vosso livro.

O cardeal-infante tem-me em grande estima, e é fidalgo da sua casa e seu tesoureiro meu genro Luís de Castro, a quem vos recomendarei com muita instância. Posto isto, e sem que saímos da matéria, como vos disse, observemos agora, ou lancemo-nos um pouco a adivinhar, as dificuldades que tendes encontrado, todos esses entraves e obstáculos à publicação do vosso livro. Dai-me vós também atenção, Diogo do Couto. Sem dúvida que Lisboa é linda, vista dessa janela, mas estas questões importam muito a vosso amigo Luís Vaz.

LUÍS DE CAMÕES: Apostemos que mesmo ali não perde Diogo do Couto uma palavra do que dizemos.

DIOGO DO COUTO: Zombais ambos de mim?

LUÍS DE CAMÕES: (*Indo para Diogo do Couto.*) Vem cá, Diogo. Ouçamos agora Damião de Góis. Do mais falaremos depois, quando nos retirarmos, e eu te darei satisfação. Não saberás das vozes do paço a inteira verdade, mas da minha própria boca.

DAMIÃO DE GÓIS: Sentai-vos, enfim, e guardai lá os vossos segredos. O livro que escrevestes, Luís Vaz, e com estas primeiras palavras já vou entrando nas coisas graves que tinha para vos dizer, sendo tão excelente obra como Diogo do Couto declara e eu confirmo, lembra-me uma barca onde muita gente quereria ser levada desde que nela não se transportasse mais ninguém. E como todos põem esta condição, está a barca parada no porto.

LUÍS DE CAMÕES: Explicai-vos melhor.

DAMIÃO DE GÓIS: Explico já. Quando chegastes da Índia, era o vosso livro como hoje é? Não precisais responder. Tive aqui em minha casa o manuscrito, li-o com grande cuidado e atenção, mas de tanto não precisaria para distinguir, nas diferenças de tinta, os acrescentamentos escritos estando vós já em Portugal e por causa do que cá viestes encontrar.

LUÍS DE CAMÕES: Assim é. Lembrai-vos que de el-rei eu não sabia mais do que existir. Em Lisboa é que escrevi a dedicatória...

DAMIÃO DE GÓIS: Que mais?..

LUÍS DE CAMÕES: O final do canto quinto, também do sétimo, algumas oitavas do canto nono, outras no canto décimo...

DIOGO DO COUTO: E, se bem te conheço, ainda escreverás, se não foi escrito já, o bastante para amanhã se saber que os parentes de Vasco da Gama não cuidaram de honrar, como deviam, o fundador da casa da Vidigueira.

LUÍS DE CAMÕES: Escrito está, não duvides.

DAMIÃO DE GÓIS: O que trouxestes da Índia, Luís Vaz, foi a história do antigo Portugal, mais a grande navegação. Tudo isso que acrescentastes são casos dos nossos dias de agora, deste tempo em que não sabemos para onde Portugal vai.

DIOGO DO COUTO: Vai para um profundo poço.

LUÍS DE CAMÕES: Não irá.

DAMIÃO DE GÓIS: El-rei, se fosse um soberano dado a leituras, haveria de estimar ler as oitavas que lhe dedicais no princípio da obra, as grandes conquistas ali profetizadas. Mas cuido que justamente essas oitavas não agradam ao cardeal D. Henrique, a quem inquietam aventuras. Porém, o mesmo cardeal haverá entendido, não que eu o saiba de ciência certa, mas presumo, haverá o cardeal-infante entendido que exaltando vós os portugueses e a história dos seus reis, boa contrariedade será o vosso livro para as intenções que é dito serem as de D. Catarina, que muito quereria aproximar Portugal de Castela.

LUÍS DE CAMÕES: Senhor Damião de Góis, olhai que me perco entre tanto querer e não querer.

DAMIÃO DE GÓIS: Não vos disse eu logo que o vosso livro é barca onde cada qual quer viajar sem companhia?

LUÍS DE CAMÕES: Deixais-me confundido.

DAMIÃO DE GÓIS: Sem dúvida são melhores os caminhos rectos, mas esses não os há na vida das nações nem nos interesses dos paços e dinastias. A vossa obra será publicada, Luís

Vaz, mas só quando, claramente, a balança pender para um lado ou para o outro.

LUÍS DE CAMÕES: Porém, o livro não será diferente do que é.

DAMIÃO DE GÓIS: A diferença estará nos olhos que o lerem. E a parte que ficar vencedora fará que seja o livro lido com os olhos que mais lhe convierem.

DIOGO DO COUTO: E a parte vencida, que fará?

DAMIÃO DE GÓIS: Ficará esperando a sua vez de ler e fazer ler doutra maneira.

LUÍS DE CAMÕES: Eu sei o que escrevi.

DAMIÃO DE GÓIS: Sabereis, não o duvido. Mas também eu sabia o que escrevera na segunda parte do meu livro *Sobre a fé, costumes e religião dos Etiópes*, e não cuidei que tivesse o Santo Ofício motivos para determinar que ele fosse apreendido na alfândega de Lisboa.

DIOGO DO COUTO: Quando se deu tal caso?

DAMIÃO DE GÓIS: Há uns trinta anos. Estava eu então na Europa. Escrevi ao cardeal D. Henrique e ele respondeu-me que o motivo da apreensão fora ter eu posto argumentos mais fortes na boca do embaixador do Prestes João do que na do bispo com quem ele disputava sobre questões de fé. Eu sabia o que tinha escrito, o Santo Ofício soube o que leu. Faz o carpinteiro uma nau, não tarda que lhe venham dizer que é caravela.

LUÍS DE CAMÕES: Haverá o meu livro de sofrer tratos tais?

DAMIÃO DE GÓIS: Não o duvideis. Vedes agora as coisas graves que eu tinha para vos dizer do vosso livro, e por que mandei a Diogo do Couto que fechasse a porta? Vedes enfim o que falta e sobeja a Portugal?

DIOGO DO COUTO: Senhor Damião de Góis, vós que vivestes tantos anos em países estrangeiros, vós que tivestes amizade com tantos e tão iluminados espíritos da Europa, por que foi que tornastes ao reino?

DAMIÃO DE GÓIS: Por tristeza de cá não estar. Por vaidade de pensar que cá me quisessem muito.

DIOGO DO COUTO: E querem-vos?

DAMIÃO DE GÓIS: Sou o guarda-mor da Torre do Tombo.

LUÍS DE CAMÕES: Não o dizeis contente.

DAMIÃO DE GÓIS: Luís Vaz, não me tardam aí os setenta anos.

Que é estar contente nesta minha idade? Prouvera a Deus que ao menos esse contentamento me não falte até ao fim. Gosto da vida, gosto de ter amigos, gosto dos livros, da música, da filosofia, das artes da pintura e da escultura, gosto dos bons vinhos e da boa comida.

DIOGO DO COUTO: Nem pareceis português.

DAMIÃO DE GÓIS: Nenhum português o é mais do que eu.

DIOGO DO COUTO: Vede o que são os casos dos homens. Vós viajastes pela Europa e aqui tornastes no entardecer da vossa vida. Luís Vaz voltou da Índia e decerto cá ficará. Eu com ele vim, mas o mais seguro é que à Índia torne.

LUÍS DE CAMÕES: Não mo tinhas dito.

DIOGO DO COUTO: Talvez porque não o tivesse pensado antes.

Nunca tal vos aconteceu? Não ter pensado numa coisa e ela de repente cair sobre nós, não se sabe donde veio, é assim como estar o sol brilhando e vir uma nuvem escura, não a tínhamos visto. É como no momento de travar-se a batalha, os pressentimentos que nessa hora tomam posse de nós.

LUÍS DE CAMÕES: Da Índia não tens falado bem.

DIOGO DO COUTO: De Portugal não vejo motivo para falar melhor. A ave que foi pôr em Goa os ovos da desgraça, daqui levantou voo.

(*Batem à porta. Ligeiro sobressalto de todos.*)

DAMIÃO DE GÓIS: Entraí. (*Entra um criado.*) Que queres?

criado: A senhora D. Francisca de Aragão está aí para falar com o senhor Luís Vaz de Camões.

DIOGO DO COUTO: Tem o relógio boas horas.

DAMIÃO DE GÓIS: Quereis vós, Luís Vaz, ir receber a senhora D. Francisca de Aragão? Sois meu parente, esta casa é vossa, sereis o anfitrião.

LUÍS DE CAMÕES: Irei, decerto. (*Sai.*)

DAMIÃO DE GÓIS: Luís Vaz mais parecia um mancebo ruborizado de timidez diante da dama dos seus pensamentos e devoções.

DIOGO DO COUTO: Não o digais em modo que ele ouça. Responderia que dos seus rubores de mancebo se não recorda já, e que estes de agora não os permitiria a velhice, que é o seu estado.

DAMIÃO DE GÓIS: Velho estará, se quiser, mas corou. (*Riem ambos.*)

LUÍS DE CAMÕES: (*Entrando com D. Francisca pela mão.*) Boas novas me trouxe a vossa visita, senhor Damião de Góis.

DAMIÃO DE GÓIS: Para vós ela foi, Luís Vaz.

FRANCISCA DE ARAGÃO: Mas para todos a boa nova. Dizei.

LUÍS DE CAMÕES: Dizei vós, que a mereceis.

FRANCISCA DE ARAGÃO: Enfim se quebraram as resistências no paço. Pode Luís Vaz levar o seu manuscrito ao Santo Ofício, e em tempo conveniente lhe estará garantido o alvará para imprimissão. Fui a casa de Luís Vaz, e a senhora Ana de Sá me disse que se encontrava aqui. Morais tão alto, senhor Damião de Góis.

DAMIÃO DE GÓIS: Deste sítio do Castelo vê-se bem Lisboa. Por fim pendeu um prato da balança.

FRANCISCA DE ARAGÃO: Que dizeis?

DIOGO DO COUTO: Luís Vaz vos explicará depois. Foi conversão que tivemos aqui. Alvíssaras mereceis, senhora. Eu, que mais nenhuma posso, beijo-vos as mãos pela mercê, com tanta gratidão como se fosse o beneficiado.

DAMIÃO DE GÓIS: E eu acompanho Diogo do Couto.

FRANCISCA DE ARAGÃO: E vós, Luís Vaz, que me dais?

LUÍS DE CAMÕES: Senhora...

FRANCISCA DE ARAGÃO: Vede-me esta ingratidão. Venho do paço, corro à Mouraria, subo ao Castelo, trago boas novas, e Luís Vaz só tem para me dizer: Senhora...

LUÍS DE CAMÕES: Estais zombando... Sabeis o que sinto...

FRANCISCA DE ARAGÃO: Isso então me basta. Tanto mais, saíram-no agora estes senhores, que as minhas alvíssaras me foram pagas adiantadas...

LUÍS DE CAMÕES: Senhora, que irão pensar Damião de Góis e Diogo do Couto?

FRANCISCA DE ARAGÃO: Pensarão o que quiserem. No que pensarem se enganam, ou acertam, mas não nas alvíssaras.

DAMIÃO DE GÓIS: Senhora, não pensamos.

FRANCISCA DE ARAGÃO: Muito pasmo.

LUÍS DE CAMÕES: Se quiserdes ficar a fazer-nos companhia...

FRANCISCA DE ARAGÃO: Deixo-vos a pensar. Mas antes direi a Damião de Góis e a Diogo do Couto que as alvíssaras que Luís de Camões me deu foram estas glosas que sempre trago comigo, a um mote que lhe dei. Diga ele as glosas, e falem por si, que eu não declararei o que vim a saber por elas.

DIOGO DO COUTO: Outros mistérios.

FRANCISCA DE ARAGÃO: Que, esses, não digo. Deixo o descobrimento deles às adivinhações do paço. Luís Vaz, darei-íeis grande gosto se lêsseis as glosas que fizestes.
(Entrega-lhe um papel.)

LUÍS DE CAMÕES: Ordenais. (*Lê.*) Glosa Primeira a mote alheio.

A D. Francisca de Aragão, mandando-lhe esta regra que lha glosasse:

Mas porém a que cuidados?

*Tantos maiores tormentos
Foram sempre os que sofri,
Daquilo que cabe em mi,
Que não sei que pensamentos
São os pera que nasci.
Quando vejo este meu peito
A perigos arriscados
Inclinado, bem suspeito
Qua a cuidados ou sujeito.
Mas porém a que cuidados?*

Glosa Segunda ao mesmo.

*Que vindes em mi buscar,
Cuidados, que sou cativo?
Eu não tenho que vos dar.
Se vindes a me matar,
Já há muito que não vivo.
Se vindes porque me dais
Tormentos desesperados,
Eu, que sempre sofri mais,
Não digo que não venhais.
Mas porém a quê, cuidados?*

Glosa Terceira ao mesmo.

*Se as penas que Amor me deu
Vêm por tão suaves meios,
Não há que temer receios,
Que vale um cuidado meu
Por mil descansos alheios.
Ter nuns olhos tão formosos
Os sentidos enlevados,
Bem sei que em baixos estados
São cuidados perigosos.
Mas porém, ah! que cuidados!*

DAMIÃO DE GÓIS: Formoso engenho é o de Luís Vaz. Era trabalhoso o mote, e mais ainda trabalhoso nos três sentidos tomados. E vós Diogo do Couto, não achais que os mistérios o não são?

DIOGO DO COUTO: Se eu convosco isso achar que dizeis, vai Luís de Camões enfurecer-se comigo.

FRANCISCA DE ARAGÃO: Mas eu não. Luís, acompanha-me à minha liteira. (Saem.)

(*Damião de Góis e Diogo do Couto olham-se, começam por sorrir, depois riem abertamente, tanto que Damião de Góis*

*há-de sufocar-se e tossir, e por isso não poderão falar até que
Luís de Camões regresse.)*

LUÍS DE CAMÕES: Estáveis falando na minha pele?

DIOGO DO COUTO: Não, apenas ríamos dos vossos mistérios.

LUÍS DE CAMÕES: Já não os há.

DAMIÃO DE GÓIS: Enfim, termina em bem o nosso dia. E em tempos de tanta insegurança, um dia bem acabado é um presente do céu. Pendeu a balança para o lado de el-rei, agora convirá equilibrá-la para o lado do Santo Ofício. Falarei a meu genro Luís de Castro, que, conforme já vos disse, é tesoureiro e fidalgo da casa do inquisidor-mor.

SEGUNDO QUADRO

*Palácio da Inquisição, Março de 1571. Luís de Camões,
Frei Bartolomeu Ferreira.*

FRADE: (*Fazendo passar adiante Luís de Camões.*) Esteja Vossa Mercê a seu gosto. Frei Bartolomeu Ferreira não tardará. Já está avisado de que chegou Vossa Mercê.

LUÍS DE CAMÕES: Eu esperarei. (*Sai o Frade. Luís de Camões passeia um pouco, senta-se, torna a levantar-se.*)

FREI BARTOLOMEU FERREIRA: (*Entrando.*) Deo Gratias! (*Dá a mão a beijar.*) Sentemo-nos, senhor Luís de Camões. É mister que conversemos tranquilamente sobre os vossos Lusíadas, que estou lendo e anotando com toda a prudência que o melindre do caso requer.

LUÍS DE CAMÕES: É Vossa Reverença o revedor do meu livro...

FREI BARTOLOMEU FERREIRA: Eu sou. E hei-de vos dizer, posto que não tenha concluído ainda a segunda leitura, que não encontro nele coisa contrária à nossa santa fé. O mesmo, porém não ousaria dizer no que toca aos bons costumes. Vossa Mercê por todo o lado introduz nudezas, e em tal excesso que fará da leitura um constante alarme aos sentidos.

LUÍS DE CAMÕES: São elas muito necessárias à minha fábula. Vossa Reverença bem sabe que os antigos deuses cuidavam pouco de roupagens, em particular as deusas, con-

soante as vemos costumadamente representadas em pinturas e estátuas. Também Eva, nossa primeira mãe, e Adão, nosso primeiro pai...

FREI BARTOLOMEU FERREIRA: Mais devagar, senhor Luís de Camões. Adão e Eva viviam nus quando em estado de inocência. Logo que caíram em pecado, determinou o Senhor, enfim, não o determinou o Senhor, eles foram que viram que estavam nus e vestiram-se. Por forte razão, como vedes. Distinguo.

LUÍS DE CAMÕES: Tem Vossa Reverença razão.

FREI BARTOLOMEU FERREIRA: Ora pois.

LUÍS DE CAMÕES: Mas o meu livro em nada vai contra a nossa fé, foi Vossa Reverença quem o declarou...

FREI BARTOLOMEU FERREIRA: Em primeira e segunda leitura, não encontrei. Posto que de ambas as vezes me chocou aquele passo em que Vasco da Gama invoca a Divina Guarda para que o proteja e defenda no transe aflito em que está, e quem o ouve e lhe acode é Vénus. Dizei-me logo. Por que não fizestes vós intervir a Virgem, ainda por cima Domina Maris, Senhora do Mar? O trágico passo haveria de ter assim uma unção religiosa, um fervor, que dessa maneira lhe faltam, tudo se resolvendo entre ninfas que vão a seduzir os ventos, e assim acaba a tempestade. Que me dizeis a isto?

LUÍS DE CAMÕES: Divido em duas partes a minha resposta. A primeira, é que tendo eu começado por me servir dumaficção dos deuses e das musas, seria contra a boa ordenação da obra fazer repentinamente intervir a Virgem Santíssima, quando até aí não fora invocada. Vindo eu a escrever de falsas religiões e falsos deuses, como poderia, sem cair em grave escândalo, e talvez pecado, chamar a terreiro a verdadeira fé? Basta que terminada a tempestade agradeça Vasco da Gama. E a quem agradece? Ao único e verdadeiro deus.

FREI BARTOLOMEU FERREIRA: E a segunda parte da resposta?

LUÍS DE CAMÕES: A segunda tira-se da primeira. Deus, Nosso Senhor Jesus Cristo, a Virgem e todos os santos, é por sua vontade própria que se manifestam, e não por lho requererem os poetas e os seus caprichos. Já pensou Vossa Reverença como seria o meu livro se em vez de deuses e das musas dos antigos romanos, as intervenções do divino estivessem a cargo da Virgem, de Nosso Senhor Jesus Cristo e dos santos?

FREI BARTOLOMEU FERREIRA: Com efeito. É bom argumento o vosso.

LUÍS DE CAMÕES: Ainda bem que o reconhece Vossa Reverença. Imaginemos um concílio dos deuses que tivesse, em vez das divindades pagãs, Júpiter, Marte, Neptuno, Vénus, Baco, Mercúrio, os santos e as santas da nossa fé. Destes, quais os que ajudariam os portugueses na sua navegação? Mais grave ainda: quais os que estariam contra?

FREI BARTOLOMEU FERREIRA: Tendes um espírito arguto, senhor Luís de Camões. Em tal coisa vos confesso que não tinha pensado.

LUÍS DE CAMÕES: E mais vos poderia argumentar. Tomai este exemplo, e basta. É bem certo que a armada foi à busca da especiaria, mas também foi a dilatar a fé. Agora meditai um pouco. Se foi a armada a dilatar a fé, como encontraria eu santo ou santa para estorvar a navegação, como faz Baco? Então, sim, seria a minha obra contrária à nossa santa fé.

FREI BARTOLOMEU FERREIRA: Agora que sobre isto me fizestes pensar, outra pergunta ainda vos faço: por que não vos haveis servido de Satanás para inimigo dos portugueses e das suas obras? Mostraríeis, assim, uma vez mais, o triunfo da fé sobre as malícias do inimigo.

LUÍS DE CAMÕES: Não cuidei. E também ofenderia a lógica juntando Satanás ao panteão dos deuses romanos. Além disso, lembre-se Vossa Reverença de que Satanás é o extremo da fealdade. Queríeis que em estilo poético eu tratasse

o Maligno, o adornasse enfim com as galas que a poesia sempre lança sobre as suas figuras? Melhor foi servir-me desta ficção dos deuses.

FREI BARTOLOMEU FERREIRA: Dos deuses dos gentios, acentuai.

LUÍS DE CAMÕES: Dos deuses dos gentios.

FREI BARTOLOMEU FERREIRA: Assim fica sempre salva a verdade da nossa Santa Fé.

LUÍS DE CAMÕES: Isso foi o que pensei.

FREI BARTOLOMEU FERREIRA: E que me dizeis do canto nono, senhor Luís de Camões?

LUÍS DE CAMÕES: Em verdade, já eu estava estranhando que Vossa Reverença me não falasse do canto nono.

FREI BARTOLOMEU FERREIRA: Estou falando agora. Respondei.

LUÍS DE CAMÕES: Que vos responderei? Vossa Reverença bem sabe que o prémio das grandes acções, ou vem tarde, ou não chega nunca. Por isso me pus a imaginar um lugar do mundo, uma ilha, longe das terras habitadas pelos homens, onde os heróis fossem recebidos de acordo com o seu merecimento, coroados de flores, satisfeitos em seus gostos.

FREI BARTOLOMEU FERREIRA: Gostos que, em vosso critério e imaginação, seriam principalmente os dos sentidos.

LUÍS DE CAMÕES: Não poderia esquecer os sentidos. Com os sentidos do corpo e da alma conheço o mundo e reconheço a Deus.

FREI BARTOLOMEU FERREIRA: Bem sabeis que a outros sentidos me estou referindo.

LUÍS DE CAMÕES: Sim, bem o sei. Mas não posso dar-vos outra resposta.

FREI BARTOLOMEU FERREIRA: Essa resposta, senhor Luís de Camões, primeiramente não dizia tudo. Agora diz de mais.

LUÍS DE CAMÕES: Vossa Reverença assim o entende.

FREI BARTOLOMEU FERREIRA: (*Após silêncio.*) Quero dizer-vos, senhor Luís de Camões, que a vossa obra me foi entregue com muitas recomendações. Se delas tendes conhecimento, não precisais que as mencione. Se não sabeis quem vos recomendou, não será da minha boca que o ficareis a saber.

LUÍS DE CAMÕES: Do sigilo que a Vossa Reverência impõe o seu ministério, não poderia eu contar com outra coisa.

FREI BARTOLOMEU FERREIRA: Neste livro mostrais muito engenho e muita erudição, não há que negar. Porém, viésseis vós menos recomendado, e estou que não deixaria passar tão em claro não só aqueles pontos que há pouco defendestes com muito brilho, como também a insistência e a pertinácia com que lisonjeais os gostos sensuais. Porque, enfim, fica entre nós entendido que não me convencestes completamente.

LUÍS DE CAMÕES: Devo compreender que estais forçando a vossa consciência?

FREI BARTOLOMEU FERREIRA: Não é assim que o deveis compreender. A minha consciência não é parte neste pleito. Se um dia vos faltarem as protecções que trazeis, ou razões mais fortes prevalecerem contra elas, e se nesse dia eu tiver de ser outra vez o revedor do vosso livro, ficais sabendo que não me achareis tão complacente.

LUÍS DE CAMÕES: Podereis, então, censurar o meu livro segundo o vosso pensar.

FREI BARTOLOMEU FERREIRA: Continuais a não me compreender. De cada vez censurarei o vosso livro de acordo com o pensar da Santa e Geral Inquisição.

LUÍS DE CAMÕES: Assim, não se chegará a saber nunca o que vós pensais do meu livro. Digo vós, não o Santo Ofício.

FREI BARTOLOMEU FERREIRA: E que importância tem o que eu pense do vosso livro, senhor Luís de Camões?

LUÍS DE CAMÕES: É justo e necessário que ao poeta se diga que juízos merece a sua obra.

FREI BARTOLOMEU FERREIRA: O padre Bartolomeu Ferreira guarda para si esse juízo. Contentai-vos com saber o juízo do Santo Ofício agora, como havereis de contentar-vos se esse juízo for amanhã diferente. (*Outro tom.*) Por hoje, temos conversado. Ainda haveremos de examinar certos outros pontos, tenho algumas propostas de correcção a fazer-vos, é do vosso interesse que concordeis com elas. Conviria, dou-vos só este exemplo, que dissésseis, logo veremos em que passo do poema, que os deuses servem apenas para inspirar versos, e nada mais. Assim ficaria ainda mais bem ressalvada a verdade da nossa santa fé. (*Dá a mão a beijar.*) Quando for mister vos mandarei chamar. Esperai aqui, virá um irmão para vos acompanhar. (*Sai.*)

(*Luís de Camões fica de pé, cruza os braços. Aparece um frade à porta. Camões sai.*)

TERCEIRO QUADRO

Casa de Luís de Camões, Abril de 1571. Camões, Ana de Sá, Diogo do Couto. Luís de Camões, sentado à mesa, manuseia os seus papéis; escreve. Ana de Sá está costurando.

ANA DE SÁ: Quando tornarás a frei Bartolomeu Ferreira?

LUÍS DE CAMÕES: Não sei, minha mãe. Ele me mandará chamar.

ANA DE SÁ: Muito paz-de-alma é esse frade, Deus me perdoe.

Não sei para que lhe serviram tantas letras e tantos estudos, se para ler o teu livro precisa de semanas e meses. E ainda bem não, lá vais, e de cada vez vens triste. Há quanto tempo isto dura!...

LUÍS DE CAMÕES: Ainda não fez dois meses.

ANA DE SÁ: Pouco lhe falta.

LUÍS DE CAMÕES: É preciso ter paciência, minha mãe.

ANA DE SÁ: Ainda mais paciência? Voltaste há um ano, todo o teu tempo se tem gasto em caminhadas para o paço, e a falar com pessoas que te ajudem no teu livro, e só agora, vá lá, que a Deus graças, está o frade a catar nos teus versos. Que procura ele?

LUÍS DE CAMÕES: Procura o que quer achar. E quando se quer achar o que se procura, encontra-se sempre. Mas talvez eu ainda venha a gabar-me de não ser dos mais desafortunados nesta matéria, minha mãe.

ANA DE SÁ: Deus o queira. Que neste ano que passou não foi muito abundosa a tua fortuna. Todos me dizem que és um grande poeta, o maior que há em Portugal, que nunca houve outro como tu, e eu bem o creio, que mãe seria eu se duvidasse? Às vezes, estou cá nestes meus trabalhos da casa, e de repente vem-me ao pensamento o que se diz de ti, e eu sou que não caibo em mim de felicidade.

LUÍS DE CAMÕES: Dizei o resto do vosso pensamento.

ANA DE SÁ: Se tu és tão grande poeta, e eu acredito, oh se acredito, que faz o paço, ou lá quem teria obrigação de te ajudar? Como foi que viveram Luís de Camões e sua mãe Ana de Sá durante estes doze meses?

LUÍS DE CAMÕES: Viveram em grande aperto, e assim continuam. Tiveram fome, talvez.

ANA DE SÁ: Fome, não. Fome, não tivemos.

LUÍS DE CAMÕES: A mim me valeram os amigos, convidando-me para comer em suas casas. E a vós, valeu-vos quem?

ANA DE SÁ: Eu como pouco.

LUÍS DE CAMÕES: Porque não tendes mais que comer.

ANA DE SÁ: O futuro será melhor.

LUÍS DE CAMÕES: É o que se diz sempre, se o presente não é bom. Mas quando é bom o presente, ou aceitável, então levamos o tempo a temer o dia de amanhã.

ANA DE SÁ: Cada dia deveria ter a sua parte de bem e de mal. E Deus que cuidasse de equilibrar o mal e o bem, para não se orgulharem em demasia os fartos, nem perderem de todo a esperança os pobres.

LUÍS DE CAMÕES: Nós somos pobres, minha mãe. Conservemos a esperança.

ANA DE SÁ: Luís de Camões é pobre. O maior poeta português é pobre, o meu filho quase não tem que comer.

LUÍS DE CAMÕES: E porque haveria o vosso filho de ser rico? Quem não soube enriquecer na Índia, não merece que a fortuna o favoreça em Portugal.

ANA DE SÁ: Estás conformado, Luís.

LUÍS DE CAMÕES: Não, minha mãe, não estou conformado. Vivo em Portugal. Sei o que a experiência me ensinou. Que assim como se diz que não há dinheiro que pague o talento e o engenho, também se deveria dizer que por isso mesmo ninguém os quer pagar. Enfim, não percamos nós o ânimo. Quando o meu livro estiver publicado, talvez que el-rei mande dar-me uma tença. Ficaremos, vós e eu, defendidos de maiores cuidados.

ANA DE SÁ: Quando o teu livro estiver publicado, talvez el-rei te dê uma tença. Quando... talvez... São sapatos de defunto que não servem aos pés de quem ficou vivo neste mundo.

LUÍS DE CAMÕES: Têm-se visto outros casos, minha mãe. Olhai vós João de Barros. À viúva dele deu el-rei uma tença de 50 mil réis, e Jerónimo de Barros, pelos serviços do pai, recebe uma tença de 150 mil réis.

ANA DE SÁ: Abastada vai viver Ana de Sá quando seu filho morrer. Queres que me deite aqui aos gritos?

LUÍS DE CAMÕES: Acalmai-vos.

ANA DE SÁ: Falas-me de tenças para depois de morto, e pedes-me que me acalme?

LUÍS DE CAMÕES: Há-de ser-me paga em vida, sossegai.

ANA DE SÁ: Em vida, sim. Mas não amanhã, nem para o ano que vem. É hoje que te devem dar a tença, era ontem que ta deviam ter dado. E não é por mim que falo, castigue-me Deus se à verdade falto. É por ti, é pelos teus merecimentos. Eu não vou ao paço, mas acredito no que me dizem Diogo do Couto e a senhora D. Francisca de Aragão, e outras pessoas honradas que me dão notícia. Já na Mouraria se diz que eu sou a mãe de Luís de Camões, do poeta, as pessoas falam-me com respeitos de dama, e até aqueles que não leram nada do que escreveste, dizem que és um grande poeta. Todo o mundo está contente e da mesma opinião. Porque espera, então, el-rei? Que lhe vão dizer um dia que morreu Luís de Camões à míngua?

LUÍS DE CAMÕES: A tença virá antes que chegue esse dia, minha mãe.

ANA DE SÁ: Pois que venha, para que enfim comecem a pagarte o que já te estão devendo. (*Pausa.*) Mofina sou eu por não me terem ensinado a ler. Luís, diz-me alguns versos do teu livro.

LUÍS DE CAMÕES: Alguns versos? Quereis que vos diga uns versos? Esperai, então, que eu encontre uns que venham ao pintar da situação. Deixai-me aqui procurar... Estes não servem... Estes... Estes... Ora cá está... Princípio do canto décimo. Folgaram já os navegantes na ilha de Vénus, e agora, dai atenção. (*Lê.*)

*Quando as ferascosas Ninfas, cos amantes
Pela mão, já conformes e contentes,
Subiam pera os paços radiantes
E de metais ornados reluzentes,
Mandados da Rainha, que abundantes
Mesas de altos manjares excelentes
Lhes tinha aparelhados, que a fraqueza
Restaurem da cansada natureza.
Que dizeis a esta fartura?*

ANA DE SÁ: Digo que jantei e ceei de uma só vez. E que também amanhã não haverei de comer. Já nem precisamos de tença. (*Riem ambos. Batem à porta. Ana de Sá vai abrir. É Diogo do Couto.*)

DIOGO DO COUTO: Luís Vaz, está preso Damião de Góis no Santo Ofício.

LUÍS DE CAMÕES: (*Levantando-se bruscamente.*) Quê? Preso Damião de Góis?

ANA DE SÁ: Virgem Santíssima! Pobre homem...

LUÍS DE CAMÕES: Como soubeste?

DIOGO DO COUTO: Disseram-mo no paço. Está preso desde ontem. Ah, Luís Vaz, preso aquele homem admirável!... Que terra desgraçada esta em que vivemos!

LUÍS DE CAMÕES: Quem o denunciou?

DIOGO DO COUTO: Não se sabe.

ANA DE SÁ: E de que erros o acusam?

DIOGO DO COUTO: Senhora Ana de Sá, como quereis que vos diga? Daqueles a quem o Santo Ofício deita a mão, só vêm a saber-se notícias quando a sentença for publicada. Nem os denunciantes se gabam na praça pública de terem denunciado, nem os inquisidores usam a boca para falar dos processos fora das paredes do palácio dos Estaus.

LUÍS DE CAMÕES: Damião de Góis, preso.

ANA DE SÁ: Mas, porquê? (*Chora.*) Porquê?

DIOGO DO COUTO: Viajou muito.

ANA DE SÁ: E é isso razão? Também vós viajastes, vós e Luís Vaz.

LUÍS DE CAMÕES: Nós? Nós só fomos à Índia.

DIOGO DO COUTO: Damião de Góis estudou e ensinou na Europa. Lá tem os seus grandes amigos. Lembras-te, Luís Vaz, de como ele nos falava de Erasmo de Roterdão?

LUÍS DE CAMÕES: Lembro-me. Por isso o prenderam?

DIOGO DO COUTO: Quem sabe? Quem sabe há quantos anos o Santo Ofício esperava esta hora? Damião de Góis dava-se com luteranos, é homem de coração ao pé da boca, pouco misseiro, quanto basta para cair em desagrado dos inquisidores.

ANA DE SÁ: Que irá acontecer-lhe? Tão velho, mais velho do que eu. Porque não o deixaram morrer descansado, já com tão poucos anos para viver? (*Para Luís de Camões.*) E tu, tem cuidado, Luís. Lembra-te de que ainda somos parentes de Damião de Góis. Tem cuidado com as palavras que disseres, resguarda-te dos inimigos. E vós, Diogo do Couto, com esse vosso coração insofrido...

DIOGO DO COUTO: Estamos todos à mercê de denúncias, de alguém que nos queira mal, esta é a miserável verdade. Mas Portugal não terá os meus ossos.

LUÍS DE CAMÕES: Que queres dizer?

DIOGO DO COUTO: Isto mesmo. Vou voltar à Índia. Já to havia dito, e agora decidi-me.

LUÍS DE CAMÕES: Por causa de Damião de Góis?

DIOGO DO COUTO: Sim... Não sei... É tudo isto, Luís Vaz... Esta tristeza tão grande. Portugal morre de tristeza. Na Índia, não somos mais alegres, é verdade, mas a terra é outra, não terei mais obrigações para com ela, apenas viver.

ANA DE SÁ: Esta peste...

LUÍS DE CAMÕES: De que peste falais, minha mãe? Já não há mais peste em Lisboa...

ANA DE SÁ: Quando Diogo do Couto voltou contigo da Índia, disse-me um dia, aqui, que a Índia é uma doença de que padece Portugal. Cuido eu que lhe pagámos bem a doença.

LUÍS DE CAMÕES: Descansai. Damião de Góis não tarda que seja solto, e Diogo do Couto mudará de tenção.

DIOGO DO COUTO: Não mudarei. E quanto a Damião de Góis, seria esta a primeira vez que alguém entrou inocente nos cárceres da Inquisição, não saísse de lá culpado. Tão cedo não o veremos, e eu não o verei certamente, porque parto antes.

LUÍS DE CAMÕES: Quando frei Bartolomeu Ferreira me mandar chamar para tornarmos a discutir acerca de deuses e deusas, e do preciso que é ressalvar a verdade da nossa santa fé... (*pausa*) condenado eu me veja às penas do inferno se por um só instante me esquecer de que naquele mesmo palácio, num cárcere que não sou sequer capaz de imaginar, está Damião de Góis!...

ANA DE SÁ: Esta peste!

QUARTO QUADRO

A mesma sala do Palácio da Inquisição. Frei Bartolomeu Ferreira, Luís de Camões.

FREI BARTOLOMEU FERREIRA: Entrai, senhor Luís de Camões. Cheguei, enfim, ao termo do meu trabalho, e vós ao cabo da vossa impaciência. Tenho já pronto o parecer, de que logo vos mandarei passar traslado, para que possais requerer licença de imprimissão.

LUÍS DE CAMÕES: Dá-se então Vossa Reverença por satisfeita com as alterações que fiz? Não haverá mais que suprimir e acrescentar? Não terei mais que torcer o sentido para o sujeitar ao vosso desejo sem sacrificar insuportavelmente a minha intenção?

FREI BARTOLOMEU FERREIRA: Agradecei a Deus e às circunstâncias não terdes que praticar maior violência sobre a vossa obra. Estais lembrado da nossa primeira conversaçāo...

LUÍS DE CAMÕES: Estou.

FREI BARTOLOMEU FERREIRA: Não sejais pois desagradecido. Lembrai-vos de que poderíeis ter bem maiores motivos para vos declarardes queixoso.

LUÍS DE CAMÕES: Se bem vos entendo, devo agradecer o mal que me fazem, à conta de não mo terem feito maior.

FREI BARTOLOMEU FERREIRA: Assim é. E sobre a matéria não vale a pena que discorrermos mais. (*Outro tom.*) Vou ler-vos o parecer e depois podeis ir. Quanto ao traslado, vireis por ele a semana que vem. Escutai. (*Lê.*) “Vi por manda-do da Santa e Geral Inquisição estes Dez Cantos dos Lusíadas de Luís de Camões, dos valorosos feitos em armas que os portugueses fizeram em Ásia e Europa, e não achei neles coisa alguma escandalosa, nem contrária à fé e bons costumes, somente me pareceu que era neces-sário advertir os leitores que o Autor, para encarecer a dificuldade da navegação e entrada dos portugueses na Índia, usa de uma ficção dos deuses dos gentios. E ainda que Santo Agostinho nas suas Retratações se retrate de ter chamado, nos livros que compôs, *De Ordine*, às Musas deusas, todavia como isto é Poesia e fingimento, e o Autor, como poeta, não pretenda mais que ornar o estilo poético, não tivemos por inconveniente ir esta fábula dos deuses na obra, conhecendo-a, por tal. E ficando sempre salva a verdade da nossa santa fé, que todos os deuses dos gentios são demónios. E por isso me pareceu o livro digno de se imprimir, e o Autor mostra nele muito engenho e muita erudição nas ciências humanas. Em fé do qual assinei aqui. Frei Bartolomeu Ferreira.” (*Outro tom.*) Aqui está. Haveis reparado que fecho louvando o vosso engenho e a vossa erudição.

LUÍS DE CAMÕES: Reparei, e devo beijar-vos as mãos por isso.
(*Pausa.*) Dizei-me, padre, como está Damião de Góis?

FREI BARTOLOMEU FERREIRA: Que nome dissestes?

LUÍS DE CAMÕES: Damião de Góis. Como está Damião de Góis?

FREI BARTOLOMEU FERREIRA: Senhor Luís de Camões, sois bem servido de erudição e engenho, mas não de prudênia.

LUÍS DE CAMÕES: Será imprudência querer saber notícias de um parente encarcerado?

FREI BARTOLOMEU FERREIRA: Em geral, dir-vos-ia que esse cuidado é mesmo um dever de misericórdia. Porém, não quando o cárcere for o Santo Ofício. Senhor Luís de Camões, permiti que vos dê um conselho. Retirai-vos, já tendes o meu parecer, que vos é favorável, publicai o vosso livro, eu esquecerei a pergunta que fizestes, o interesse excessivo que mostrais por Damião de Góis.

LUÍS DE CAMÕES: Vossa Reverença não há-de impedir-me de praticar isso que concordais ser dever de misericórdia.

FREI BARTOLOMEU FERREIRA: Impedirei. Basta que me retire desta sala e vos mande acompanhar fora. Não façais com que me arrependa da minha benevolência.

LUÍS DE CAMÕES: Padre, por que está no cárcere Damião de Góis? Que erros foram os seus? Um homem quase de setenta anos...

FREI BARTOLOMEU FERREIRA: Senhor Luís de Camões, isto é já escândalo. Quem sois vós para quererdes devassar as razões da Santa Inquisição, quando muito bem sabeis que o fim último deste Santo Tribunal é extirpar as heresias, perseguir o judaísmo, a feitiçaria e os luteranos? Estareis por acaso contra estas acções? Olhai que podeis vir a chorar amargamente pelo que estais dizendo.

LUÍS DE CAMÕES: É Damião de Góis herético, judaizante, feiticeiro, luterano? Não o conheço por tal. Poderei testemunhar...

FREI BARTOLOMEU FERREIRA: Meu filho, tende mão nesse arrebatamento. Tomai este conselho de pai.

LUÍS DE CAMÕES: Mandais que me modere. Porém, debaixo deste chão, estará Damião de Góis...

FREI BARTOLOMEU FERREIRA: Basta. Ouvi-vos mais do que aquilo que devo ao respeito. Senhor Luís de Camões, uma palavra só. Sabeis como é representado o santo fundador da nossa ordem? Tem na mão direita um ramo de oliveira, que representa a paz e a misericórdia, na mão esquerda uma espada que representa a justiça. Neste momento mesmo e durante todo o tempo que durar o

processo, estarão os inquisidores estendendo a Damião de Góis a espada e o ramo. Depende dele vir a receber o ramo ou a espada. Confesse as suas culpas, depois o Tribunal julgará.

LUÍS DE CAMÕES: E se culpas não tiver?

FREI BARTOLOMEU FERREIRA: Todos têm culpas. Basta ter paciência e procurar.

LUÍS DE CAMÕES: Como Vossa Reverença fez no meu livro.

FREI BARTOLOMEU FERREIRA: Praza a Deus que Damião de Góis escape com tão pouco dano como o vosso livro.

LUÍS DE CAMÕES: Assim terei de me retirar sem nada saber?

FREI BARTOLOMEU FERREIRA: Esperáveis outra coisa?

LUÍS DE CAMÕES: Em verdade, não.

FREI BARTOLOMEU FERREIRA: Andai. E, além disto, que sabeis vós de Damião de Góis? Voltastes da Índia há um ano... Quantas vezes com ele falastes?

LUÍS DE CAMÕES: Três vezes, não mais. Visitei-o na sua casa do Castelo.

FREI BARTOLOMEU FERREIRA: Nada podeis, portanto, saber de Damião de Góis. E, no vosso interesse, melhor é que o não saibais. Não tenteis a Deus, senhor Luís de Camões. Estivestes dezassete anos na Índia, nada sabíeis lá de Damião de Góis...

LUÍS DE CAMÕES: Mas depois li os seus livros, conversei com ele...

FREI BARTOLOMEU FERREIRA: Não sabeis nada de Damião de Góis, torno a dizer. Mas tudo se saberá quando este processo terminar.

LUÍS DE CAMÕES: E quando terminará?

FREI BARTOLOMEU FERREIRA: Isso só Deus sabe.

LUÍS DE CAMÕES: Fique Deus convosco, padre Bartolomeu Ferreira. Depois virei pelo traslado.

FREI BARTOLOMEU FERREIRA: Uma palavra ainda. Quando alguém entra numa quinta sem acordar os cães, haverá de redobrar de cuidado para não os acordar à saída.

LUÍS DE CAMÕES: É uma ameaça?

FREI BARTOLOMEU FERREIRA: Não. É um aviso que vos faço.
Com muita caridade. (*Toca uma campainha.*) Não tarda aí
quem vos acompanhe.

LUÍS DE CAMÕES: Padre, quem é dono da quinta? (*Sai.*)

QUINTO QUADRO

Ar livre. Luís de Camões. Francisca de Aragão.

FRANCISCA DE ARAGÃO: Agora não haverá mais obstáculos, Luís Vaz. Já o Santo Ofício aprovou, e Jorge da Costa, com quem hoje falei, me disse que não tardam muitos dias que te seja passado o alvará. Depois apenas tens de fazer imprimir.

LUÍS DE CAMÕES: Apenas, disseste. Um ano e metade levo neste esperar e desesperar, e não tenho a certeza de que não haverei de esperar outro tanto.

FRANCISCA DE ARAGÃO: Não irá assim ser. O que importava ganhar nesta batalha, está ganho. A aprovação do Santo Ofício, o privilégio que te vai ser concedido por el-rei. Poderás...

LUÍS DE CAMÕES: Eu conheço os termos em que as licenças são passadas. Que por tantos anos se não possa imprimir nem vender em meus reinos e senhorios sem licença do dito, sob pena de quem o contrário fizer... Tenho licença de imprimir, tenho o privilégio de guardar a propriedade da minha obra. E isto o tive de pagar proondo-me a el-rei para cantar os seus feitos futuros em Marrocos.

FRANCISCA DE ARAGÃO: Não desmereceste por isso. .

LUÍS DE CAMÕES: Hei-de sabê-lo um dia, se viver tanto. Porém, não choremos o leite derramado. Agora só me falta o dinheiro para pagar ao impressor o seu trabalho.

FRANCISCA DE ARAGÃO: Havemos de encontrar maneira de o conseguir.

LUÍS DE CAMÕES: Como? Irei pôr-me à porta do paço, de mão estendida, pedindo a quem entre e saia: Uma esmola, pelo amor de Deus, uma esmola para Luís de Camões poder mandar imprimir os seus Lusíadas, que da Índia não trouxe dinheiro e vive às pobres sopas de sua mãe Ana de Sá e graças à protecção de D. Francisca de Aragão.

FRANCISCA DE ARAGÃO: Perdeste o juízo? Não é graças à minha protecção que vives, é pelo merecimento da tua pessoa.

LUÍS DE CAMÕES: Vale mais que não nos enganemos com palavras, Francisca. Por mim, sozinho, nada poderia ter feito. Nem sequer vir de Moçambique. Se não fossem os meus amigos, quem sabe se ainda lá estaria. Heitor da Silveira, que ajudou a pagar a minha passagem, morreu no mar. Antes tivesse morrido eu.

FRANCISCA DE ARAGÃO: Heitor da Silveira apenas fez falta aos seus parentes.

LUÍS DE CAMÕES: E eu nem a minha mãe teria feito falta.

FRANCISCA DE ARAGÃO: Devias envergonhar-te do que dissesseste.

LUÍS DE CAMÕES: Envergonho-me. Mas que importa que eu me envergonhe ou não? Onde vou encontrar os trinta ou quarenta mil réis que me custará mandar fazer o livro?

FRANCISCA DE ARAGÃO: Tudo se conseguiu até agora. O dinheiro também não faltará.

LUÍS DE CAMÕES: Não vejo como. Quererás ser tu a dar-mo?

FRANCISCA DE ARAGÃO: E se assim for? Ofende-se Luís de Camões de aceitar dinheiro dum a mulher? Desta mulher?

LUÍS DE CAMÕES: Já não tenho muito por que me ofenda. Mas o meu livro terá de ser publicado graças ao seu próprio mérito, não por caridade, mesmo de amor.

FRANCISCA DE ARAGÃO: Há pouco dizias que te irias pôr à porta do paço a pedir esmola. Aceitarias essa e não aceitas o que esmola não é nem pode ser, mas amor, como tu próprio declaraste?

LUÍS DE CAMÕES: Não saberei explicar. Se eu fosse esmolar pelas ruas e praças, talvez me dessem dinheiro para comer. Mas não mo dariam se eu dissesse que o destinava a pagar ao livreiro que me imprimisse o livro.

FRANCISCA DE ARAGÃO: Então eu estarei no Rossio quando passares de mão estendida, e dir-te-ei, ao contrário desses de quem falas: Este dinheiro, Luís Vaz, não é para que comas, mas sim para o teu livro.

LUÍS DE CAMÕES: E eu responderei: Guardai o vosso dinheiro, senhora, que este livro não é soneto ou redondilha que se possa pagar com uma galinha ou duas camisas. O meu devedor não sois vós, mas el-rei, ou ninguém.

FRANCISCA DE ARAGÃO: Para que é tanto orgulho? Tresvarias, Luís Vaz. Julgaste que poderias entrar no paço com o teu livro adiante e que todas as portas se abririam diante dele e de ti, e que quando entrasses na câmara real, Sua Alteza se levantaria donde estivesse sentada e te viria receber à entrada, e a ti te mandaria sentar, e assim teria Luís de Camões o que lhe era devido.

LUÍS DE CAMÕES: Forte zombaria é essa, mas muito verdadeira.

FRANCISCA DE ARAGÃO: Talvez nas cortes de Itália, ao que ouço dizer, tais fortunas aconteçam, porém nós vivemos em Portugal...

LUÍS DE CAMÕES: E el-rei é D. Sebastião...

FRANCISCA DE ARAGÃO: Que muito aborrece a leitura...

LUÍS DE CAMÕES: Que não quis nem quer ler o meu livro...

FRANCISCA DE ARAGÃO: Nem ordena que lho leiam.

LUÍS DE CAMÕES: A corte é como um mosteiro de portas e janelas fechadas. Quando alguém dentro se lembra dos que vivem fora, lança um osso por cima do muro e não cura de saber se o mordem os homens ou o roem os cães.

FRANCISCA DE ARAGÃO: Já muito tempo dentro desse mosteiro viveste, e agora queixas-te porque estás fora. Publica o teu livro e a corte se abrirá outra vez para ti.

LUÍS DE CAMÕES: Não o creio. Damião de Góis tinha razão. O meu livro é uma barca em que muitos querem navegar, desde que não embarquem nela outros. Se el-rei me quiser, não me quer o cardeal; se me quer o cardeal, não me há-de querer a rainha; se a rainha disser que sim, dirão os Câmaras que não. (*Pausa.*) Fala-se de Damião de Góis no paço?

FRANCISCA DE ARAGÃO: Não fala. E por que se falaria? Damião de Góis está preso...

LUÍS DE CAMÕES: Há cinco meses.

FRANCISCA DE ARAGÃO: Deixemos Damião de Góis. Trata-se agora do teu livro.

LUÍS DE CAMÕES: Sim, deixemos Damião de Góis. Deixemos que Damião de Góis apodreça nos cárceres da Inquisição, deixemos que se encha de bichos e de sarna, deixemos que o Santo Ofício lhe conte os erros e as denúncias... Sabes que se diz que Luís de Castro, o próprio genro de Damião de Góis, o foi denunciar? Lembras-te de que ao mesmo Luís de Castro pediu Damião de Góis que por mim intercedesse junto do inquisidor-mor? Já observaste, Francisca de Aragão, como para favorecer o meu livro se juntaram tantas pessoas, e tão opostas?

FRANCISCA DE ARAGÃO: Cuida então dele e de ti, e deixa que os assuntos alheios se resolvam. Nada podes fazer por Damião de Góis. Onde ele está, nem el-rei o pode defender, se em tal pensou.

LUÍS DE CAMÕES: Não pensou, não, que el-rei é mais inquisidor do que o inquisidor-mor.

FRANCISCA DE ARAGÃO: Cuida do teu livro. Falarás ao livreiro e depois me dirás o que ele te declarar sobre o preço. Veremos como se há-de resolver este negócio.

LUÍS DE CAMÕES: Francisca, fizeste por mim tudo quanto podias. Nada te obriga a mais. O resto, agora, é comigo.

Procurarei um livreiro, talvez António Gonçalves, que este ano imprimiu o livro do bispo de Silves, D. Jerónimo Osório, *De rebus Emmanuelis*. Tratarei dos meus negócios.

FRANCISCA DE ARAGÃO: Proíbes-me que te ajude?

LUÍS DE CAMÕES: Fizeste muito mais do que eu poderia esperar de alguém. Deixa que eu faça também alguma coisa. A nau fabricam-na os carpinteiros e os calafates, mas quem no fim a há-de governar é o capitão.

FRANCISCA DE ARAGÃO: Assim não nos entenderemos, Luís Vaz.

LUÍS DE CAMÕES: Entendidos temos vivido nós, mas não em todas as coisas.

FRANCISCA DE ARAGÃO: E essas coisas, que são elas?

LUÍS DE CAMÕES: Tu, no paço, eu na Mouraria; tu, formosa, eu cego e velho; tu, de seda, eu de mau pano; tu, de mesa farfa, eu de mesa escassa.

FRANCISCA DE ARAGÃO: E o amor?

LUÍS DE CAMÕES: Não nego o amor. Não negues os desencontros.

FRANCISCA DE ARAGÃO: Encontrados nos achámos. Luís Vaz, não o negues tu.

LUÍS DE CAMÕES: Até quando? Casará Francisca de Aragão com Luís de Camões? Tem Luís de Camões mais do que versos para dar a Francisca de Aragão?

FRANCISCA DE ARAGÃO: Tenho o que posso. Não peço mais.

LUÍS DE CAMÕES: Nem o aceitaríeis, se eu vo-lo quisesse dar. Bons são os amores do paço, que partem sempre pelo mais fraco.

FRANCISCA DE ARAGÃO: Falas de experiente.

LUÍS DE CAMÕES: Assim é.

FRANCISCA DE ARAGÃO: A mim mesma pergunto a que palavra queres pagar com tais rodeios. Acaba aqui o nosso amor?

LUÍS DE CAMÕES: Não digo tanto. Acabaré o vosso, amanhã ou depois de amanhã. Ou para o mês que vem. O meu não acaba, nem tinha acabado quando vos tornei a ver.

FRANCISCA DE ARAGÃO: Estás zombando? Fui eu que quis que nos amássemos outra vez.

LUÍS DE CAMÕES: Assim é. Mas quando eu parti para a Índia foram comigo os meus amores de Portugal. Cuidais que o vosso me caiu à água? Comigo fostes, comigo viestes. Quando me aparecestes, reconheci-vos na memória do coração. E amei-vos.

FRANCISCA DE ARAGÃO: E agora?

LUÍS DE CAMÕES: Agora? Estou tão cansado, Francisca. Será por isso que não tenho outras palavras.

FRANCISCA DE ARAGÃO: Quereis fazer-me chorar, Luís Vaz?
Quereis dar-me desgosto?

LUÍS DE CAMÕES: Não é isso que quero. Por este amor...

FRANCISCA DE ARAGÃO: Vós não amais ninguém.

LUÍS DE CAMÕES: Enganai-vos. Amo as imagens do amor. Não as amasse, e não me serviria de muito ser um homem de carne e de sentidos.

FRANCISCA DE ARAGÃO: Deus, que nos vê, sabe que não quero deixar-vos.

LUÍS DE CAMÕES: Assim o creio. Mas Deus saberá se podeis amar amanhã o velho que estou prestes a ser. Olhai bem para mim. Se eu vergar os ombros, se deixar pender a cabeça, se dobrar os joelhos, que será do vosso sentimento? É como eu serei, é como já estou sendo, mas que faço por esconder, sobretudo se estou diante de vós. E como poderei amar-vos então?

FRANCISCA DE ARAGÃO: Isso é orgulho, Luís Vaz, e muito grande. Hoje não há remédio para vós. Que direis amanhã quando me virdes?

LUÍS DE CAMÕES: Senhora.

FRANCISCA DE ARAGÃO: O meu nome é Francisca.

SEXTO QUADRO

Tipografia de António Gonçalves, Outubro de 1571. Luís de Camões, António Gonçalves, Servente.

LUÍS DE CAMÕES: (*Entrando.*) Guarde-vos Deus, mestre António Gonçalves.

ANTÓNIO GONÇALVES: Boa seja a vinda de Vossa Mercê.

LUÍS DE CAMÕES: Já saberei se foi a vinda boa ou má, consoante as notícias que aí tiverdes para me dar. Tirastes as contas do meu livro? Podeis-me dizer agora quanto custará a imprimissão, e as mais despesas?

ANTÓNIO GONÇALVES: Nenhum outro livreiro de Lisboa vos faria melhor preço, senhor Luís de Camões.

LUÍS DE CAMÕES: Estais-vos louvando antes do tempo, mestre Gonçalves. Mau é já isso.

ANTÓNIO GONÇALVES: Tranquilizai-vos. Tenho aqui apontadas todas as verbas, o papel, a tinta, o meu ganho e de quem me ajuda, enfim, compor, imprimir, dobrar e coser trezentos volumes, Vossa Mercê haverá de pagar quarenta mil réis.

LUÍS DE CAMÕES: Quarenta mil réis?

ANTÓNIO GONÇALVES: E creia Vossa Mercê que não é exagerado.

LUÍS DE CAMÕES: E vós sabeis se tenho quarenta mil réis?

ANTÓNIO GONÇALVES: Vossa Mercê perdoará. Nem Vossa Mercê mo disse quando veio aqui perguntar quanto lhe custaria o livro, nem eu fui tão atrevido que o quisesse averiguar de vós ou de outrem.

LUÍS DE CAMÕES: Perdoai-me antes vós, mestre António Gonçalves. Todas as coisas neste mundo têm o seu preço. Fico sabendo quanto vale o vosso trabalho, porém assim não chegarei a saber quanto vale o meu.

ANTÓNIO GONÇALVES: Sabereis, quando tiverdes vendido os livros. De mais, tendes o privilégio de venda por dez anos, é o que está escrito no alvará de el-rei.

LUÍS DE CAMÕES: Para vender, é preciso ter o quê. E eu, por enquanto, o que tenho é saber que haverei de pagar quarenta mil réis, se quiser que tantos anos gastos a compor o meu livro dêem seus frutos em obra impressa.

ANTÓNIO GONÇALVES: É este o costume. Não podemos mudar o mundo. Eu não posso. Vossa Mercê traz-me o livro para imprimir, paga-me a minha despesa e o meu ganho, e eu imprimo. É como ir comprar sardinhas à Ribeira. Dinheiro nesta mão, pescado na outra. Figure-se Vossa Mercê que isto não é negócio de livros, mas que eu sou pescador, fui ao mar e trouxe peixe.

LUÍS DE CAMÕES: Gentil é a comparação. Dizei-me, mestre: quando fostes ao mar, não vistes por lá um naufrago? Esse era eu.

ANTÓNIO GONÇALVES: Vossa Mercê, que resolve? Podeis darm-me uma parte por conta, e o resto quando o livro estiver impresso. Por exemplo, dais-me agora vinte mil réis...

LUÍS DE CAMÕES: Não tenho vinte mil réis.

ANTÓNIO GONÇALVES: Que esperais então de mim? Não está na minha mão decidir do que só vós podeis. (*Pausa.*) Senhor Luís de Camões, permitis que vos fale com franqueza?

LUÍS DE CAMÕES: Dizei.

ANTÓNIO GONÇALVES: Vejo aqui o alvará de Sua Alteza, o parecer do Santo Ofício, mas não vejo o que é costumado ver: a dedicatória a pessoa de grandeza e influência.

LUÍS DE CAMÕES: Que pagasse ou ajudasse a pagar o livro.

ANTÓNIO GONÇALVES: Assim é. Vossa Mercê perdoará se me excedi...

LUÍS DE CAMÕES: Não tenho nada que perdoar-vos, António Gonçalves. Em verdade, irá o meu livro sem padrinho, já que o não mereceu.

ANTÓNIO GONÇALVES: Li o vosso livro, e digo que ninguém lhe poderá negar merecimento.

LUÍS DE CAMÕES: Já outros o disseram, mas isso, como vedes, não lhe bastou.

ANTÓNIO GONÇALVES: Que faremos, então, senhor Luís de Camões? Que quer Vossa Mercê fazer?

LUÍS DE CAMÕES: Não tenho com que vos pagar. Podereis esperar até que o livro se publique e venda? Tudo quanto dele se apurar até ao montante da minha dívida será vosso...

ANTÓNIO GONÇALVES: Três meses é quanto eu levaria a compor e imprimir o vosso livro. Quantos meses mais, ou anos, para cobrar a vossa dívida? Senhor Luís de Camões, não posso.

LUÍS DE CAMÕES: Dai-me cá esses desgraçados papéis, que a vontade me está vindo de os lançar ao mar, por onde já andaram. Melhor seria se lá tivessem ficado, mais quem os escreveu.

ANTÓNIO GONÇALVES: Pecado seria.

LUÍS DE CAMÕES: Descansai. Mais fácil seria lançar-me eu às águas. Se tal vos vierem dizer que aconteceu, ide ao lugar e encontrareis o meu livro na praia, debaixo duma pedra, à vossa espera. Quero crer que então vos não recusaréis a imprimi-lo.

ANTÓNIO GONÇALVES: Bom desenfado é o vosso.

LUÍS DE CAMÕES: Será. Mestre António Gonçalves, cá vos deixo. Quem sabe se nos voltaremos a ver?

ANTÓNIO GONÇALVES: Quem sabe? (*Sai Luís de Camões.*)

SERVENTE: Mestre, que queria o senhor Luís de Camões dizer com aquelas palavras tão graves?

ANTÓNIO GONÇALVES: Talvez nem ele o saiba. Está calado, e trabalha.

(*Mutação. As mesmas personagens, dias depois.*)

LUÍS DE CAMÕES: (*Entrando.*) Guardou-vos Deus desde a última vez que nos vimos, mestre António Gonçalves?

ANTÓNIO GONÇALVES: Nada me aconteceu de mal. E a vós?

LUÍS DE CAMÕES: Nada me aconteceu de bem. Aqui tendes o meu livro.

ANTÓNIO GONÇALVES: Haveis despachado o vosso negócio?

Então sempre vos aconteceu alguma coisa boa...

LUÍS DE CAMÕES: Olhai com atenção. Está aí o alvará, está aí o parecer do Santo Ofício... Vedes a dedicatória?

ANTÓNIO GONÇALVES: Não senhor.

LUÍS DE CAMÕES: Nem vos trago quarenta mil réis.

ANTÓNIO GONÇALVES: Não sei que vos diga.

LUÍS DE CAMÕES: Digo-vos eu. Quereis comprar o meu privilégio, compor e imprimir o livro, e vendê-lo em vosso proveito? Declarando eu que nada mais tenho que receber de vós senão o que tivermos ajustado pela venda do privilégio e pela primeira tiragem?

ANTÓNIO GONÇALVES: Esperai, esperai. Que é isso que propõe Vossa Mercê? Que eu lhe compre o privilégio e fique com a propriedade do livro pelos dez anos que no alvará se dizem?

LUÍS DE CAMÕES: Sim.

ANTÓNIO GONÇALVES: Se o vosso livro se vender...

LUÍS DE CAMÕES: Não fareis mau negócio.

ANTÓNIO GONÇALVES: Mas, se não se vender?

LUÍS DE CAMÕES: Fá-lo-eis péssimo.

ANTÓNIO GONÇALVES: Agradeço-vos a franqueza.

LUÍS DE CAMÕES: É o que tenho para dar.

ANTÓNIO GONÇALVES: E quanto é que quereis pelo privilégio?

LUÍS DE CAMÕES: Cinquenta mil réis.

ANTÓNIO GONÇALVES: Pedis demasiado, senhor Luís de Camões. Vede que juntando-lhe os quarenta mil réis que cus-

ta imprimir o livro, teria eu um gasto somado de noventa mil réis.

LUÍS DE CAMÕES: Assim é.

ANTÓNIO GONÇALVES: Que talvez não me reembolse por inteiro.

LUÍS DE CAMÕES: É como dizeis.

ANTÓNIO GONÇALVES: Não sei se me interessa o negócio.

LUÍS DE CAMÕES: Nunca o sabereis se o não fizerdes. Mestre António Gonçalves, não há porta nenhuma a que eu possa bater. Esta é a única. Poderia dar-vos mesmo o meu livro, apenas com a condição de que o imprimísseis. Mas preciso de comer, precisamos, minha mãe e eu. Dai-me cinquenta mil réis e eu entrego-vos o meu privilégio, fazei do livro o que quiserdes, vendei o que puderdes. Haverá decerto quem o leia, e se ele vale quanto de mim pus nele, talvez o futuro vos conheça por terdes composto, letra por letra, página por página, os Lusíadas de Luís de Camões.
(Pausa.) Perdoai a vaidade do autor.

ANTÓNIO GONÇALVES: Senhor Luís de Camões, deixai-me ficar o vosso livro. Passai por cá amanhã para conversarmos com mais sossego sobre o assunto. Terei de pensar, fazer as minhas contas. Amanhã vos direi.

LUÍS DE CAMÕES: Até amanhã, mestre António Gonçalves.
(Sai.)

SERVENTE: Por esta é que vós não esperáveis. Que ides fazer?

ANTÓNIO GONÇALVES: Sei lá bem! Está calado, e trabalha.

SÉTIMO QUADRO

Sala do Paço, Dezembro de 1571. D. Catarina de Áustria, cardeal D. Henrique, padre Luís Gonçalves da Câmara, Martim Gonçalves da Câmara.

D. CATARINA: Fale Martim Gonçalves da Câmara.

MARTIM DA CÂMARA: Falarei. Sua Eminência o cardel Alexandrino já saiu de Madrid, entrará em Portugal depois de amanhã. Se o nosso embaixador as recolheu, espero que um correio nosso nos traga notícias ainda antes da chegada de Sua Eminência. Saberemos então que resposta lhe deu el-rei Filipe de Espanha.

CARDEAL: (*Para D. Catarina.*) Vossa Alteza poderá imaginar que resposta terá Filipe II dado ao cardeal?

D. CATARINA: Não tenho saído de Lisboa, tal como Vossa Eminência, nem uso correios privados. E se os tivesse, decerto não seriam mais rápidos do que os vossos. Quanto a imaginar, saiba Vossa Eminência que imagino muito, mas não tanto. Isso já seria adivinhar, e o futuro pertence a Deus.

CARDEAL: Perguntarei então doutra maneira. Pelo que sabeis de vosso sobrinho e da política de Espanha, acreditais que tenha sido bem recebida em Madrid a proposta de Sua Santidade?

D. CATARINA: A que proposta vos referis?

CARDEAL: À de se unirem Portugal, a Espanha e a França contra a Turquia. A segunda proposta que o cardeal Alexandrino trará, importa somente à corte portuguesa.

D. CATARINA: Não tarda muito que o saibamos. Mas duvido que el-rei Filipe tenha concordado.

MARTIM DA CÂMARA: Se me permitis... Estamos numa situação que tem suas dificuldades. Saber a que vem Sua Eminência foi-nos fácil, a Santa Sé não faz segredo do seu empenho em ver reunidas as três grandes potências católicas em luta contra o Turco. Porém, não sabemos nem o que decidiu a corte de França, nem...

D. CATARINA: Henrique de França tem outras guerras em sua casa. Não acredito que possa, mesmo querendo, juntar os seus exércitos aos exércitos portugueses e espanhóis. A França anda em guerras de religião, protestantes contra católicos. Quem iria lutar contra a Turquia? Os católicos? Os protestantes? Ou só para isso fariam a paz que ainda não puderam fazer?

LUÍS DA CÂMARA: Assim é. Mas importará tanto sabermos o que decidiram os reis de Espanha e França? Ainda que tivessem concordado com a proposta de Sua Santidade o Papa Pio V, faltaria sempre o acordo do rei de Portugal. E esse não virá.

CARDEAL: Como sabeis?

LUÍS DA CÂMARA: El-rei também não faz segredo. Diz que Portugal lutará sozinho contra o Turco.

D. CATARINA: É impossível.

LUÍS DA CÂMARA: É o que diz el-rei.

D. CATARINA: Que é impossível?

LUÍS DA CÂMARA: Não, Alteza. El-rei diz que Portugal lutará sozinho contra a Turquia.

MARTIM DA CÂMARA: Quanto à segunda proposta...

CARDEAL: Talvez os irmãos Câmaras tenham igualmente informações de boa fonte...

LUÍS DA CÂMARA: Eminência, afastai as vossas suspeitas. Deveis saber que nem meu irmão nem eu afluímos no âni-

mo de Sua Alteza sobre essa arrastada questão do casamento.

CARDEAL: Deveria saber, mas não estou tão certo disso. Seja como for, dizei-me, vós que sois confessor de el-rei: vai Sua Alteza recusar a proposta que o cardeal Alexandrino trará, de casamento do rei de Portugal com Margarida de Valois, filha de Henrique III de França?

LUÍS DA CÂMARA: Se el-rei não mudou de tenção desde ontem, recusará.

D. CATARINA: Por quanto tempo mais teimará el-rei nesse propósito?

LUÍS DA CÂMARA: Não sei, Alteza. Também, como vós, não sei adivinhar. E o futuro pertence a Deus.

CARDEAL: Quando disse el-rei que voltaria da caça?

MARTIM DA CÂMARA: Quando o nevoeiro levantasse. E o nevoeiro não levanta.

OITAVO QUADRO

*Rua de Lisboa, entardecer de um dia de Março de 1572.
Luís de Camões, o servente de António Gonçalves. Ao fundo,
estão e passam homens e mulheres do povo.*

SERVENTE: Senhor Luís de Camões, agora mesmo ia eu a vossa casa. Mas, já que vos encontrei, aqui tendes o que vos manda mestre António Gonçalves. É o primeiro que acabámos. (*Retira-se.*)

LUÍS DE CAMÕES: (*Segurando o livro com as duas mãos.*) Que farei com este livro? (*Pausa. Abre o livro, estende ligeiramente os braços, olha em frente.*) Que fareis com este livro? (*Pausa.*)

VOZ FEMININA: (*Leitura soletrada.*) Os Lusíadas...

VOZ MASCULINA: (*Idem.*) ...de Luís de Camões...

VOZ FEMININA: (*Idem.*) ...Canto Primeiro...

VOZES EM CORO: (*Idem.*)

As armas e os barões assinalados
Que, da Ocidental praia Lusitana,
Por mares nunca dantes navegados, ...

(As vozes ir-se-ão sumindo de modo que mal seja ouvido já o verso seguinte, ao mesmo tempo que a luz vai baixando, até à escuridão, ficando apenas um projector a incidir no livro que Luís de Camões continua a segurar.)

FIM